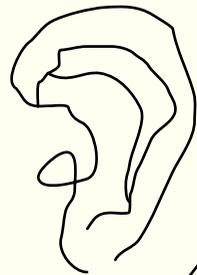


O QUE
MINHA
ESCRITA
ME DISSE





OLHO D'ÁGUA CARTONERA

A Editora Olho d'Água Cartonera é uma ação de extensão do Grupo de Pesquisa em Educação e Sustentabilidade (GEPES) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), com sede na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) desde 2018. Tem por escopo apoiar a difusão da leitura e da escrita autoral, engajando pessoas em processos educativos mútuos de cidadania socioambiental.

ORGANIZAÇÃO

Carmen Roselaine de Oliveira Farias - UFRPE

Adriana Mohr - UFSC

DIAGRAMAÇÃO E CAPA EBOOK

Vanessa Vieira Mendes

CAPA CARTONERA

Feita à mão



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

Q3 O que minha escrita me disse / Bárbara Colossi Felipe ... [et. al.];
organização, Carmen Roselaine de Oliveira Farias, Adriana
Mohr; diagramação, Vanessa Vieira Mendes. – 1. ed. –
Florianópolis: Olho d'Água Cartonera, 2022.
56 p.: il.

Material produzido na disciplina Escrita Acadêmica e Pesquisa
em Educação Científica e Tecnológica.
Inclui bibliografia.

1. Redação acadêmica 2. Redação técnica 3. Crônicas
I. Felipe, Bárbara Colossi II. Farias, Carmen Roselaine de Oliveira,
org. III. Mohr, Adriana, org. IV. Mendes, Vanessa Vieira

CDD 570

O QUE MINHA ESCRITA ME DISSE

Bárbara Colossi Felippe

Carmen R O Farias

Cesar Dalmolin

Elisângela Regina Selli Melz

Jefferson Jacques Andrade

Joice Hinkel

Leonardo Priamo Tonello

Letícia Medeiros Larroyd

Lidiane Camini

Luan de Pinho

Manuel Bandeira dos Santos Neto

Marcelo da Silva

Raquel Rohden

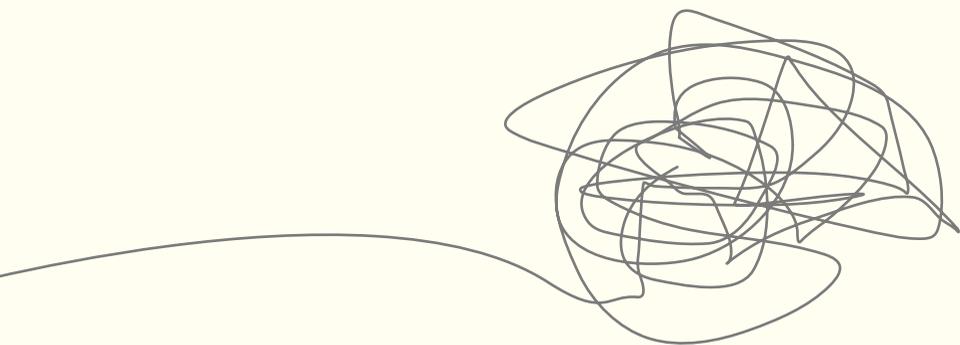
Rhaysa Terezinha Gonzaga

Thayná S. de Matos

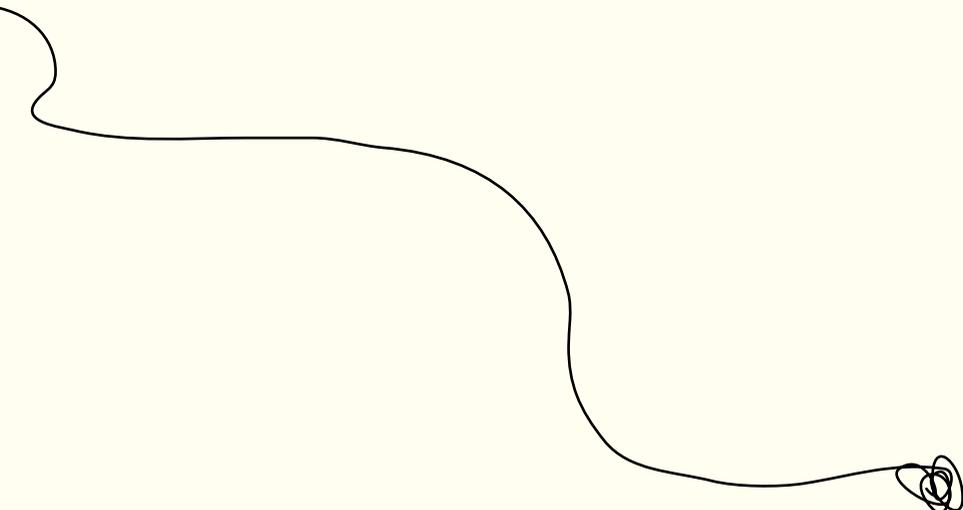
Thays Soares

Vanessa Mendes

Vanessa Picolli



Às pessoas que ousam escrever.



SUMÁRIO

Apresentação	6
<hr/>	
Lua escrita	9
Bárbara Colossi Felipe	
<hr/>	
A pescadora de palavras	12
Carmen R. O. Farias	
<hr/>	
A constante peleja na mesa	16
Cesar Dalmolin	
<hr/>	
A teia construída: memórias, experiências e entrelaces	21
Elisângela Regina Selli Melz	
<hr/>	
Memórias de uma moribunda!?	25
Jefferson Jacques Andrade	
<hr/>	
“Nossa, a gente não dava nada por você!”	32
Joice Hinkel	
<hr/>	
Travessias	36
Leonardo Priamo Tonello	
<hr/>	
Procrastinação	40
Letícia Medeiros Larroyd	
<hr/>	
Escrita acadêmica precoce?	43
Lidiane Camini	
<hr/>	
O Eu e a escrita	48
Luan de Pinho	
<hr/>	
Escrever e/ou viver: para além de linhas, traços e marcas na vida	51
Manuel Bandeira dos Santos Neto	
<hr/>	

É tempo de primavera	54
Marcelo da Silva	
<hr/>	
Referências	58
Raquel Rohden	
<hr/>	
O teclado no compasso do Rei Trovão	60
Rhaysa Terezinha Gonzaga	
<hr/>	
As primícias da minha escrita	66
Thaís Soares da Silva	
<hr/>	
A independência da escrita	69
Thayná S. de Matos	
<hr/>	
A outra voz	73
Vanessa Vieira Mendes	
<hr/>	
A crônica hospitalar e a atividade de escrita que faz repensar	76
Vanessa Picolli	
<hr/>	
Algumas palavras sobre as pessoas autoras	83

APRESENTAÇÃO

Apresentação

Este é um livro de crônicas e foi produzido durante a disciplina *Escrita acadêmica e pesquisa em educação científica e tecnológica*, desenvolvida entre os meses de agosto e dezembro de 2022 no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGECT/UFSC).

Neste componente fomos docentes eu e Adriana Mohr, supervisora do meu estágio pós-doutoral. Participaram estudantes de mestrado e doutorado do próprio Programa e do Programa em Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PPGEC/UFRPE), além de aspirantes à pós-graduação na área.

Ainda vivendo reflexos da pandemia, retomamos a intensidade da convivência em uma sala de aula presencial. Para mim foi especialmente marcante este retorno depois de quase 30 meses de docência através das telas de computadores. Nas outras pessoas percebi receptividade e alegria em encontrar colegas que só se conheciam das aulas virtuais, ou de fazer novas amizades. Foi assim que fomos construindo um espaço para falar de nossas intimidades com a escrita acadêmica.

Falo aqui de intimidades com a escrita porque foi exatamente isso que nos uniu. O sentido da escrita que atravessou nossas tardes frias de agosto em Florianópolis pouco ou nada tinha a ver com as regras e estruturas pelas quais temos de habitualmente transitar. Falamos de nossas pesquisas e de como vamos tecendo arranjos com palavras e frases. Tratamos com indignação das investidas capitalistas na universidade que nos traz constrangimentos e sofrimento de natureza diversa. Refletimos sobre ser estudante de pós-graduação em educação científica e tecnológica e da teia de fios que forma a área. Lançamos algum olhar para outras possibilidades de escrita e pudemos antever na literatura uma via para entender os seres humanos que somos e, quem sabe, nos aproximarmos de uma escrita mais autoral e significativa.

A certa altura, assumimos o compromisso pedagógico de experimentar o escrever como uma oportunidade de autoanálise sobre as relações que mantemos com a escrita acadêmica. E a crônica pareceu-nos um bom gênero para isso. Além da escrita, fez parte do experimento a leitura e trocas no grupo, bem como um momento de reescrita. Quem escreveu teve a palavra final sobre o seu texto, como sempre deve ser.

O escrever como um processo pessoal que nunca se conclui tem aqui uma pausa para materializar-se num livro, ou melhor, num e-book. São dezoito crônicas que contam um pouco de vidas entrelaçadas à escrita de pesquisas educacionais ou de outros textos acadêmicos. Pela natureza do gênero, o que aparece são quimeras do cotidiano, marcas deixadas pela entrega de si à vida universitária, momentos críticos diante da folha em branco, café que esfria aguardando a palavra chegar. E muito mais.

Não darei mais pistas sobre os textos seguintes. Não me sinto à vontade para alongar-me nesta apresentação. Sendo a crônica texto breve, cabe a quem lê desfiar seus pormenores a partir de suas próprias impressões e possibilidades, principalmente se for pessoa da academia ou que convive com alguém que seja. É hora de dar o próximo passo para saber o que pode a escrita.

Recife, 04 de dezembro de 2022.

Carmen Farias

LUA ESCRITA

Bárbara Colossi Felipe, 2022

Início de uma noite de final de agosto. Eu esperava o ônibus para ir pra casa. Havia de ser naquele dia, tinha de escrever. O artigo, que eu precisava entregar para ser aprovada na disciplina, era para ali dois meses e, ainda não havia me ocorrido nada. Nadinha, nenhuma ideia. Cabeça vazia como uma sala de aula depois do último sinal. Inconformada com a situação e, como quem foge de um pensar, eu olhava a lua. Era redonda, toda iluminada. E me veio uma reflexão: lua cheia se planta jiló; minguante, se planta batata; lua nova, boa para banana; crescente é berinjela. Haveria também uma lua para a escrita?

Ela estava cheia. Era época de plantar flores e de colher frutos, só podia ser um sinal. Cheguei em casa, larguei as coisas, fui tomar um banho. Antes, olhei-me no espelho. Meu cabelo era um volume só. Estava aí a comprovação, a lua já começara a agir sobre mim, era a prova final. Saí do banho como quem almeja encontrar um amante há muito esperado. Me emperiquei toda, passei um perfume, peguei papel e caneta, pronta pra rabiscar. Mas não me ocorreu nada, dali a pouco estava diante de uma folha, cheia de grama, florzinhas, um sol e corações, muitos corações. E o artigo? Nem uma linha. Talvez a lua cheia não fosse um bom período para se escrever. Esperei então a lua minguante, quem sabe junto com as cenouras, beterrabas e batatas viessem também as minhas palavras.

Passaram-se mais três dias, ao final deles meu cabelo já estava todo quebrado. Fiquei matutando: não me parecia auspicioso. Seria perda de tempo tentar escrever? Lua minguante é boa pra encerrar ciclos, mas o artigo ainda nem tinha formato! Espalhei os fichamentos pela mesa quando toca o celular: - Querida sou eu, fiquei pensando sobre nós e liguei pra dizer que acabou. Encerrei a ligação, acendi um palo santo e cozinhei umas batatas.

Lua nova! Nova como um bezerro, como um casulo, como uma lagarta. Quem sabe então meu artigo não virasse borboleta? Não que eu quisesse que ele voasse. Afinal, ele ainda nem tinha pousado naquela semana. Mas na lua nova, terra e lua estão alinhadas.

Somavam-se as forças gravitacionais. Faltava pouco mais de um mês e a única coisa que somou naquele ciclo foi o preço da banana.

Dado que eu não havia escrito nada, esperei então a lua crescente. Mas a lua crescente passou sem esperanças. Deixei crescer as hortaliças, o repolho e as alfaces. As berinjelas estavam enormes! Distribuí-las a toda a vizinhança. Se não havia de ser a lua, quem sabe a caridade. Diziam que Deus recompensava os bons. Ele haveria de recompensar ainda mais os bons desesperançados.

A metade de setembro trouxe as chuvas, semanas se passaram sem que eu colocasse o pé fora de casa. Não via sol, não via estrela, não via lua, era só chuva. Já havia desistido do artigo. E daí que eu reprovasse? Esqueci da lua, joguei fora os incensos e deixei estragar as bananas e as batatas. Foi quando aconteceu. Não lembro que dia era. Veio de repente, como uma sensação. Começou como uma agonia, uma pontada. O que haveria de ser aquilo, um infarto? Pensamentos grunhiam, balbuciavam até que formaram um vocabulário. Aquilo que pulsava em mim se transformou em tema, em título, em laudas. Ele ficou pronto. Vinte e cinco páginas! Foi então que me dei conta: fiquei tão absorta com minha inspiração que esqueci de olhá-la. Ver como ela estava. Que lua seria hoje?

Fui correndo pra rua. Tudo nublado. Dei as costas a ela e foi quando algo refletiu vindo do céu. Refletiu na parede da minha casa. Tornei o rosto pra trás. Destacando-se entre as nuvens, uma meia esfera. Nem pra cá, nem pra lá. Indecifrável! Seria ela a minha quinta lua? Aquela lua ansiada?

Tentei sorver seus traços, fixá-la em minha mente. E se eu precisasse dela? Precisava me lembrar. Ela era metades. Minguante? Crescente? O que seria? Corri para a horta, precisava olhar o jiló, as batatas, bananas e berinjelas, eles me diriam algo. Mas nada mais crescia lá. Estavam há muito esquecidos e a terra encharcada. Continuei a contemplá-la, aquela força majestosa, poderosa e antiga e, na falta de uma denominação pra ela, nomeei-a “Lua Escrita”.

PESCADORA DE PALAVRAS

Carmen R O Farias, 2022

Sobre minha experiência com a escrita, surge-me a lembrança do meu pai escrevendo. Não posso saber que idade eu tinha na época, mas devia ser bem pequena, pois a imagem que se forma para mim é de baixo para cima. Em um cômodo da venda de “secos e molhados”, onde trabalhou por mais de 30 anos, ele costumava escrever poemas que depois ganhariam ritmo e melodia no violão.

Meu pai não era exatamente um homem de letras e artes e, pelo que me consta, ninguém da família o era. Era comerciante em uma cidade no extremo Sul do Brasil, em um bairro formado aos arredores do porto. A pescaria e o violão eram suas paixões e, por elas, ele podia percorrer distâncias sem cansar em sua bicicleta.

Embora com poucos recursos, meu pai vivia prazeres cotidianos com a música. E escrever seus poemas com uma bela letra desenhada era um deles. No pequeno cômodo havia uma mesa alta de madeira, feita por ele mesmo, que continha notas fiscais, contas do comércio, meus desenhos coloridos e suas escritas musicais. Lá ele permanecia horas, às vezes em pé, às vezes de madrugada, apoiando-se ora em uma perna só, ora em um velho banco feito pelo meu avô.

“O pescador enfrenta o mar, enfrenta o vento, arrisca sua própria vida, quando a missão é cumprida. E cai a tarde, ele volta pra baliza, rumo à praia doirada, na qual a areia desliza”. E seguia ajustando letra e música até deixar tudo arranjado.

Muitos anos depois continuei desfrutando de sua caligrafia invejável em cartas que ele escrevia e remetia ao meu destino em São Paulo. Com os anos e a doença neurológica avançando, sua letra já não era a mesma, mas suas músicas continuaram ecoando na memória até seus últimos dias.

Alguns desses traços permaneceram nos filhos e netos. Alguns se tornaram músicos, eu sou professora e escrever é parte do que faço para ganhar a vida e me locupletar. Mas às vezes esqueço que minha escrita tem história e começou muito antes de eu me iniciar na educação escolar.

Quando evoco essas lembranças, busco reconhecer uma identidade, um elo entre o que fui e o que hoje sou. Escrever nunca foi uma coisa natural para mim e, ao revisitar as paisagens da lembrança, percebo que tampouco nasceu na escola. Lá estavam na minha infância os primeiros registros de que a escrita abriga um lugar para o florescimento humano pessoal.

A ideia de escrita que evoco não se atém às suas funções mais aparentes, como se foi modelando na escola, mas me ajuda a entender que escrevendo amplio as possibilidades de estar e participar do mundo. Buscar palavras e com elas construir um sentimento do mundo produz em mim efeitos de muito maior alcance.

Como professora, escrevo para ensinar e comunicar, além de ler e dar palpites nos escritos de outrem, dos estudantes. E, embora pareça pouco, não tem sido fácil. É ainda mais difícil captar o que a escrita está contando de cada um e de suas idiosincrasias. Sim, em um certo plano, a escrita nos posiciona e conta quem somos, mesmo quando não nos descreve.

E isso é ainda mais evidente quando leio teses e dissertações. Nesses casos, não se trata de caçar os erros e problemas da escrita, o que também acontece, evidentemente, mas de captar as conexões que foram feitas entre quem escreve e o mundo vivido e que a escrita dá a perceber.

Sinto que escrever uma pesquisa é contar ao leitor como o autor amadureceu com suas vivências e com a própria experiência da escrita. Leio como quem busca reconhecer na escritura do outro aquele ponto de conexão que o levou a avançar na interpretação do mundo de uma forma pessoal e autêntica.

É claro que como professora estou condicionada por uma cultura acadêmica que se acostumou a separar conteúdo e forma. Frequentemente me pego até mesmo fazendo julgamentos a partir

...desse dois critérios separadamente. Esqueço-me, por vezes, que a forma é o modo como apreendemos as coisas das quais falamos e que, por isso, não se dissocia do próprio conhecimento que temos das coisas.

A escrita da pesquisa, em especial na área em que atuo, da pesquisa educacional, comporta um conjunto tão variado de formas quanto de temas e conteúdo. Não muito diferente da literatura, cada história de pesquisa que é contada não se dissocia das experiências de quem a escreve, seja ele iniciante ou veterano. Aliás, parece ser esse o tempero que os bons escritores da área nos legam, a presença de seu olhar pessoal e atento na apreensão da realidade.

Talvez algo assim possa acontecer com escritores de ficção, artistas, músicos, poetas. O conteúdo e a forma não se dissociam, são partes constitutivas da obra. Tal é a situação do pesquisador em educação que não dissocia o que observa dos seus sentidos e das formas de dizer. Mas como então ensinar a escrita da pesquisa?

Sinto que chego à altura de dizer que não se ensina, pelo menos não no sentido tradicional do termo, mas talvez possamos fazer algo pelas novas gerações de pesquisadores. Podemos, por exemplo, ensinar que vale a pena estar atento aos contextos e às pessoas, às paisagens e aos processos vivenciados por si próprio e pelos outros. Que as referências e citações são modos particulares de conhecer e de nos conectar com tradições de pensamento. E que a escrita constitui tanto a pesquisa quanto outros procedimentos empregados para “coletar e analisar dados”.

Uma escrita é sempre integração de muitos fatores da vida que se precipita sobre as páginas e o autor, um pescador de palavras. O ditado popular “não dar o peixe, mas ensinar a pescar” pode fazer muito sentido nesse contexto do ensino da escrita da pesquisa. Ensinar a enfrentar, com coragem, o alto-mar de desafios que nos aparece quando ousamos escrever a palavra que se quer dizer.

A CONSTANTE
PELEJA NA MESA

Cesar Dalmolin, 2022

A constante peleja na mesa

É interessante quando penso que a madeira curvada da minha mesa - móvel este que utilizado há mais de uma década, afinal não há motivo para trocar frequentemente - que vem suportando um notebook, livros empilhados desorganizadamente e papéis espalhados, além de alguns outros objetos aleatórios largados, ficou com uma deformação permanente principalmente em virtude do tempo que realizando atividades sobre ela.

Era o que ocorria agora há pouco. Cabeça apoiada nas mãos e os braços na mesa - talvez até lembrando a escultura O Pensador - enquanto a mente viajava em busca de ideias sobre minha relação com a escrita acadêmica.

Assim estando, emergiram recordações que envolvem esta mesa. De momentos mais antigos a vivências mais recentes - conforme irei esclarecer -, desencadearam uma sensação de profunda ação com a escrita que carinhosamente chamarei de “pelejas”. Afinal, a elas também estão associados momentos de transformação pessoal e profissional, que, talvez, outros professores também tenham experimentado.

Peleja?! Não é uma palavra rotineira. Conheci o termo pelo álbum “A Peleja do Diabo com o Dono do Céu” do Zé Ramalho, há muitos anos. Esta palavra traz significados como luta; trabalho; tarefa árdua e cansativa; ato de combater, de batalhar, de discutir.

Peleja! Esta é a palavra que descreve o que se passa na superfície dessa mesa cada vez que pretendo utilizar meu tempo para a escrita. Peleja! Variam seus significados conforme os dias. Peleja! Não contra o texto, mas contra pensamentos e sentimentos próprios. O processo de escrita muitas vezes é uma tarefa árdua e cansativa. Afinal, se fosse fácil, ninguém teria nenhum grau de bloqueio criativo.

Minhas pelejas se relacionam ao meu exercício de docência da disciplina de Física, algo que nem sempre é tarefa fácil. Já ocorreu de escrever o título do assunto da aula no quadro e haver aluno falando

...que não estava entendendo nada! Talvez fruto da má reputação da disciplina, mas que estimulam mudanças.

A primeira transformação em mim ocorreu após perceber que os conteúdos de física deveriam ser trabalhados de modo diferente. Fugir da mera exposição e do roteiro tradicional que muitos dos meus professores faziam: conceito, fórmula, exemplo e exercícios. Eu deveria continuar fazendo o mesmo nas minhas aulas?

E assim, com caneta em mãos, papel sobre essa mesa vergada, e claro, o computador ligado, iniciei um processo de escrita de reformulação das minhas aulas. Estava iniciando a peleja que buscava levar os conteúdos de Física de forma diferenciada.

Muitos relacionam a Física apenas com velocidade, força, coisas difíceis e pessoas malucas. Grande equívoco! Trata de temas possíveis de serem aprendidos e de muitas relações com o cotidiano. É um modo diferente de interpretar e lidar com a realidade.

Por um tempo, esta peleja sobre a mesa persistiu, mas tempos depois, ela se intensificou na perspectiva de baixar a prioridade sobre o conteúdo e aumentar o significado para o aluno.

Sentei-me frente à mesa, retomei a caneta, papel, computador ligado e recomecei o processo de escrita de reformulação das minhas aulas. Estava iniciada a peleja que buscava levar os conteúdos de Física de forma contextualizada e significativa para os alunos.

Estes processos de escrita são longos, contínuos e significativos. Para aluno e professor. A disciplina que era “só conta” passou a possuir conexão com a realidade. Perdeu aspectos muitos abstratos e ganhou relação com aqueles do dia a dia. A clássica pergunta feita pelos alunos “para que aprender isso?”, passou a ter respostas.

Esta peleja, com o passar dos anos, foi sendo frutífera e valiosa. Ao menos não houve mais manifestações do tipo “não estou entendendo nada professor!”, logo nos primeiros minutos de aula.

A constante peleja na mesa

Ocorre que, recentemente, outra inquietação passou a aflorar: diante de tantas problemáticas na sociedade, por que dar tanta ênfase em um conteúdo tradicional?

Pegue um jornal e os problemas aparecerão: crises, poluição, fome, desemprego, guerra, doenças, mudanças climáticas... e a lista poderia continuar. Claro, o mundo não se resume apenas a problemas, muitas coisas boas são oferecidas.

Cheguei então ao questionamento, foco da peleja atual: qual é o papel da escola nesse processo e como ela pode contribuir para podermos viver em um mundo constituído por característica mais positivas que negativas?

Esse ponto transcende o escrever para a sala de aula, mas sobre a sala de aula. Esta peleja atual agrega um trabalho que passa por alunos, professores, instituição escolar e o próprio sistema de ensino. Não se trata de algo trivial e tampouco estou sozinho nessa. Portanto, novamente a importância da escrita acadêmica, meio este que possibilita ao escritor colocar um pouco de si para o mundo e, de alguma forma, provocar mudanças no mesmo.

Assim, a peleja com a escrita persiste, bem como minha transformação como professor, um processo de mútua transformação. Atualmente, estou em outro momento, cujo palco é a mesma mesa onde igualmente as outras pelejas ocorreram. Momentos que requer e ocorre por meio da escrita.

E assim lido com mais uma peleja. Frente a esta mesa, passo por dias que se alteram entre prazerosos, felizes e promissores aos respectivos antônimos. Períodos que vão da escuridão à claridade em um ciclo contínuo de pensamentos que se materializam por meio da escrita.

Nestes ciclos, ocorrem os momentos de avalanches de ideias e outros de um vácuo espacial, daqueles sem nem uma linha sequer escrita. De certa forma, tudo dentro da normalidade, para um mero

...mortal. A velocidade com que o texto toma corpo não precisa ser uma preocupação primordial.

Sobre esta mesa, a peleja da escrita tem hora para acontecer. Não é no horário que mais gosto. Mas tenho uma rotina que não abre tempo para procrastinar (embora, várias vezes, a vontade é grande). Assim, sou motivado pelo propósito com o qual busco escrever e pelejo ao amanhecer, quando junto ao Sol, a tela do computador passa a brilhar. Brilha iluminada quase sempre com uma massa interminável de documentos para serem lidos, reflexo do crescimento exponencial da publicação científica. A xícara com café quente é repousada à mesa e o processo inicia. Ou deveria!

Muitas vezes, descanso as mãos sobre o teclado esperando o movimento dos dedos que irá converter o fluxo de pensamentos em texto. Se não ocorrer, posso estar em algum devaneio em meus pensamentos. As leituras possuem influência, servindo como alimento; em outros casos, a fluidez da música que me leva de castelos medievais a estações espaciais; saltos para o passado e ao futuro.

Quando percebo, o café esfriou e muitas linhas podem ser escritas... ou não. E assim segue minha peleja sobre a mesa...

A TEIA
CONSTRUÍDA:
MEMÓRIAS,
EXPERIÊNCIAS
E ENTRELACES

Elisângela Regina Selli Melz, 2022

*Tenha sempre em mente que a pele enruga,
O cabelo embranquece e os dias se convertem em anos...
Mas o que é importante não muda.
A sua força e convicção não tem idade.
O seu espírito é como qualquer teia de aranha.
Atrás de cada linha de chegada há sempre uma de partida
Atrás de cada conquista, vem um novo desafio.
Enquanto estiver vivo, sinta-se vivo...
Se sentir saudades do que fazia, volte a fazer.
Não viva de fotografias amareladas...
Continue, quando todos esperam que desista.
Não deixe que enferruje o ferro que existe em você.
Quando não conseguir correr através dos anos, caminhe.
Quando não conseguir caminhar, use uma bengala...
Mas nunca se deixe deter...*

...

Com o poema de Madre Teresa, construí esta teia textual como uma aranha que constrói e mora sobre o fio que teceu de forma rigorosa com o intuito de captura. A aranha sou eu, que busca novos conhecimentos, novas capturas, pois me encontro em formação intelectual, profissional e pessoal. No tempo que vou me movendo nessa construção, nessa busca, a poetisa Madre Teresa, me conduz a refletir sobre essa teia, sobre a vida que vou tecendo entrelaçando os nós e formando uma malha. Enxergar uma teia de aranha sob o ângulo de um trabalho determinado, primoroso e esmerado, para no final poder vislumbrar as linhas retas que têm início e fim, com fios firmes, ainda que leves e suaves. Percebo nessa construção uma malha tramada de forma circular e por vezes inacabada, que necessita ser reconstruída persistentemente.

A teia de aranha, objeto complexo, organizado por muitos fios que

A teia construída: memórias, experiências e entrelaces

...em contextura, constrói uma trama belíssima, frágil, que tem força na sua invisibilidade, portanto, também traiçoeira, da qual não se consegue fugir. Nesse entendimento, a teia é o tecido e a armadilha. Interpreto que, assim como a construímos, também nos deixamos aprisionar a partir da interconexão dos fios, formando a teia e com ela elegemos vozes, discursos, concepções.

Quando iniciei a caminhada de pesquisa de interesse acadêmico científico, percebi que esta está alicerçada na minha história de vida. Perfazendo esse caminhar, existe uma relação intrínseca entre o objetivo e o subjetivo, sendo, portanto, os fios condutores da construção desta malha. Para que essa construção ocorra de forma harmônica, passo a me questionar, a me moldar, buscando a transformação em torno de mim mesma. Busco, por meio da pesquisa, respostas a várias questões que perpassam pelo fazer pedagógico.

Partindo deste ponto, é necessário um encontro comigo mesma e com minha trajetória profissional. Nesta perspectiva, os temas “equação civilizatória e a insubordinação criativa”, perpassam pela minha vivência e experiências, e agora farão parte da construção dessa trama investigativa. São temas que há muito me move, instiga, faz com que reflita diante da realidade da sociedade, assim como ponderar sobre como a educação se encontra e se constrói nesse processo civilizatório. Perante isso, já passo a ter indícios fortes que são bons temas a pesquisar, pois me desassossegam enquanto um ser em formação.

Para tanto, passo a revisitar minhas memórias para mostrar o quanto essa caminhada traz diferentes metamorfoses dos subsídios teóricos. Neste sentido, a importância de poder revisitar minha história que se entrelaça com esses temas por meio de minha vida pessoal e profissional. Esse entrelace estabelece novos olhares, o que permite novas articulações, novos diálogos, entre o ser, o fazer e o construir desse estudo. Quando na caminhada pessoal e profissional passo a questionar o entorno, percebendo que tem situações que

...ocorrem que não compactuo. Questiono o processo civilizatório também em minha dissertação de mestrado, quando trato da *transdisciplinaridade* voltada para a educação, trago questões relevantes sobre o fazer pedagógico.

Ratifico a importância de resgatar da memória, vivências e experiências, que fizeram parte da construção do ser em formação. Considerar minha trajetória como aprendizado, os efeitos causados pelo passado, me fizeram quem eu sou, enquanto profissional e ser humano. Portanto, recordar é necessário para poder repensar os próximos passos de forma consciente do que é importante para prosseguir a caminhada.

Em minha trajetória profissional aprendi muito com as vivências e experiências, com os acertos e erros, dúvidas e inquietações, que perpassam pela atuação docente. Além disso, busco, constantemente, novas formas de me fazer presente enquanto pessoa, o que me possibilitou um crescimento humano e profissional, pois respeito as diferenças e os limites dos entornos. Partindo deste princípio me identifico com profissionais que desempenham seu papel de docente com altivez.

Nesta perspectiva, tecer essa malha com os fios desses subsídios de estudo, equação civilizatória e a insubordinação criativa - que possui várias facetas, busco novos olhares, novos caminhos - que entre idas e vindas se configura com minha história de vida pessoal. Esses subsídios teóricos me desafiam para o ato de compreensão e de escrita sobre a realidade que está posta, com um olhar atento sobre as vivências dos sujeitos-autores que farão parte desta trajetória.

Que esse escrito, a investigação que me proponho, conduza a leituras circulares para que estas não fiquem em um canto vazio, assim como uma teia construída por um ser vivo como a aranha que por vezes é considerado um ser repugnante, contudo também tem o seu encanto no movimento e na arte que cria.

MEMÓRIAS
DE UMA
MORIBUNDA!?

Jefferson Jacques Andrade, 2022

– Boa tarde, Doutor! Eu sou o filho da paciente, do quarto 2022. Gostaria de saber como ela está?

– Boa tarde! Iniciamos as primeiras intervenções, para esses casos de emergência de alto risco. Vamos começar com alguns procedimentos paliativos; contudo, o ideal seria encaminharmos a paciente para um leito de UTI, porém o hospital está com todos os leitos do SUS preenchidos. Temos que aguardar. Mas, enquanto aguardamos, gostaria de conhecer um pouco da história dela, preciso ter um conhecimento mais aprofundado, para poder formular meu diagnóstico. Todo detalhe que você lembre é de extrema importância.

– Entendi Doutor! Mas, só posso ajudar o senhor dos anos 1970 em diante. É o período que lembro das histórias que ela contava.

– Ótimo! Vamos tomar um café, e assim você vai me relatando tudo o que lembra.

– Perfeito, um cafezinho é sempre bem-vindo. Vamos lá!

Então, dirigiram-se a cafeteria que ficava no hall de entrada do hospital. Sentia-se um clima de inquietude, de preocupação.

– Bom, como disse ao senhor, os relatos começam na década de 70 quando foram realizados os primeiros trabalhos acadêmicos em nível de pós-graduação, isso ocorreu lá no Sul, no Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e lembro que ela me falou que surgiram alguns trabalhos na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (MOHR, 2012).

– Desculpe te interromper, mas, já interrompendo, você quer um café puro ou com leite?

– Pode ser puro!

– Por curiosidade, onde ela mora?

– Ah Doutor! Ela mora aqui, ali e acolá, ela mora em todo lugar,

Memórias de uma moribunda!?

...onde o grande objetivo é construir os objetos de conhecimento e onde se faz PESQUISA. Para ela, pesquisar é explorar a estrutura dos objetos. Como ela sempre afirmou, “Devemos pesquisar sempre mediante instrumentos epistemológicos e técnicos adequados, dando sempre mais atenção aos fatos iniciais, primários”. Impossível esquecer também, “Ali estão os fatos que efetivam a realidade”.

– Ela me parece ser muito sábia!

– Eu utilizaria outras palavras Doutor, para defini-la: questionadora, uma obcecada pela busca do conhecimento. Para o senhor ter ideia, ela motivou a USP, em 1973, a criar e formar o primeiro curso de pós-graduação na área dela. Foi o programa de pós-graduação Inter unidades em Ensino de Ciências, do qual fizeram parte o Instituto de Física e a Faculdade de Educação. Depois, a esses, foram se juntando outros programas; o Instituto de Química e o Instituto de Biociências (MOHR, 2012).

– Realmente, estou surpreso com essa façanha, agrupar tantas áreas distintas, mostra a relevância de seu propósito.

– O senhor não tem ideia!

Naquele momento, se percebia no tom de cada palavra, a mais profunda admiração, um verdadeiro e imenso respeito.

– Para o senhor ter noção, de 1973 a 2000, existiam apenas sete programas de pós-graduação na área dela. Eram pesquisadores da área da Educação, do Ensino em Física, Química e Biologia. Veio até gente do estrangeiro, Inglaterra e França (MOHR, 2012). O senhor não acredita.....

– Se você não falar, não tenho como saber!

– Em 1997, fundaram uma associação brasileira em sua defesa, formada por pesquisadores que tinham o mesmo ideal. Pessoas que dividiam, compartilhavam o mesmo interesse. O negócio passou a

...ficar tão importante que começaram a fazer encontros nacionais na área.

– E como chamavam esses encontros?

– Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.

– Isso é muito interessante, e importante para meu diagnóstico, pois, reflete bem a importância da paciente em distintas áreas do conhecimento. Evidência que o tema proposto por ela, tem imbricamento com diversas áreas. Mas, ela comentava algo sobre as produções desse grande grupo? Das produções realizadas e apresentadas nesses encontros?

– Ah Doutor, isso dá um capítulo à parte na vida dela, não sei se o senhor teria tempo para escutar essas histórias.

– Tenho todo o tempo do mundo, meu plantão já acabou, e, estou extremamente curioso para conhecer as façanhas dela. Acho melhor irmos para a sala de convivência, sentarmo-nos no sofá pois, estou percebendo que você tem muitas coisas para me contar.

– O senhor é que sabe!!!!

Então, saíram da cafeteria e dirigiram-se até a sala de convivência, em um caminhar sereno e silencioso. Ao chegarem, sentaram-se e retomaram sua conversa.

– Mate minha curiosidade, fale mais sobre minha paciente.

– Bom, vamos começar do início.

Notava-se extrema admiração, uma felicidade ímpar, em poder falar sobre ela, relatar todas as suas façanhas.

– A primeira publicação foi feita na Revista Brasileira de Ensino de Física, lançada em janeiro de 1979, com o nome de Revista de Ensino de Física. Depois surgiram outras publicações, o Caderno

Memórias de uma moribunda!?

...Catarinense de Ensino de Física, que, mais tarde, passou a se chamar Caderno Brasileiro de Ensino de Física. Em 1995, a Sociedade Brasileira de Química também começa a fazer suas publicações, e assim surgiram várias outras publicações espalhadas pelo Brasil. Mas, cabe destacar a Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, editada pela Abrapec, que desde 2001 publica os resultados de pesquisas na área (MOHR, 2012).

– Estou boquiaberto, não fazia ideia da dimensão do trabalho na área dela. Com base em seus relatos, verifico que a comunidade científica mergulhou profundamente nessa área. Isso reflete o alto grau de importância, que esses estudos têm para a sociedade. Pesquisadores com diferentes formações, com diferentes características, todos debruçados no estudo de um mesmo tema central.

– É, Doutor, tenho muito orgulho dessa senhora.

Disse com os olhos marejados em lágrimas e com a alma repleta de alegria.

– Vejo que você está com a voz embargada. Quer um copo de água ou se preferir podemos parar por aqui. Não quero causar nenhum tipo de incômodo.

– Não é nenhum incômodo, é que me lembrei de uma música de Tom Jobim, “Chega de saudade”, e essa música expressa bem o que estou sentindo nesse momento. O início da música diz assim:

Vai, minha tristeza

E diz a ela que sem ela não pode ser

Diz-lhe numa prece, que ela regresse

Porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade, a realidade é que sem ela não há mais paz, não há beleza

É só tristeza e a melancolia que não sai de mim, não sai de mim, não sai...

– Realmente uma bela música, Tom Jobim é um poeta e como todo poeta, sabe traduzir como ninguém os sentimentos mais íntimos do ser humano!

– Me faz bem falar dela e tudo o que ela contribuiu na construção de uma sociedade com mais equidade. Para o senhor ter uma noção da profundidade do trabalho desenvolvido na área dela, se realizarmos uma rápida consulta ao CNPq, verificamos que existem centenas de grupos de pesquisa trabalhando com ela só no Brasil. Hoje, existe uma área específica na CAPES, e conta-se mais de 60 programas de pesquisa.

– É... Escutando você falar com tanta paixão e orgulho por essa longa jornada, verifico que ela marcou muito a sua vida.

– Não só a minha, Doutor, mas de todos os meus irmãos.

Então, as lágrimas afloram em seus olhos.

– Ela sempre nos enfatizou a importância da realização de uma pesquisa científica e que isso deveria ser intrínseco a cada um de nós.

– Muito Sábia!

– Ela tinha uma frase ótima: “Só existe um meio de se forjar grandes profissionais, e esse meio é a PESQUISA”

– É, Doutor, mas... Nos últimos tempos...

– O que houve?

– Ela vem sendo muito ATACADA, a ciência vem sendo desgastada e colocada em xeque constantemente. São ataques e mais ataques e, o mais agravante, sem nenhum fundamento teórico.

– É! Estamos passando por momentos de um forte retrocesso, momentos vistos apenas na Alta Idade Média, muito obscurantismo. Mas, devemos incessantemente buscar a melhor qualidade de vida.

Memórias de uma moribunda!?

...E essa construção deve ser o objetivo legitimador de toda prática científica e educacional.

– É isso aí, Doutor, NÃO PODEMOS NOS DEIXAR ABALAR!

– Mas, qual é sua graça, mesmos?

– Com felicidade posso dizer, SOU ESTUDANTE DA PÓS-GRADUAÇÃO. E com muito orgulho falar, SOU FILHO DA PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS

Bibliografia:

MOHR, Adriana; MAESTRELLI, SRP. Comunicar e conhecer trabalhos científicos na área da pesquisa em ensino de ciências: o importante papel dos periódicos científicos. Temas de ensino e formação de professores de ciências. Natal: EDUFRRN, p. 27-43, 2012.

“NOSSA, A
GENTE NÃO
DAVA NADA
POR VOCÊ!”

Joice Hinkel, 2022

“Nossa, a gente não dava nada por você!”

O fato ocorreu em junho de 2022, em uma escola de Florianópolis, mais especificamente com uma turma de segunda série do ensino médio. Devido ao contexto de pandemia, é uma turma que estudou os dois últimos anos de forma remota e está retornando ao ensino presencial.

Em função desse contexto, desde que assumi a vaga de professora, tenho percebido todas as turmas desanimadas por diversos motivos, o cansaço do dia a dia, o pouco tempo para o contato social da escola, as divergências. Com esse panorama, tenho realizado dinâmicas para envolver as turmas, de modo que a gente possa se conhecer e trocar ideias. Diante do perfil das classes, objetivar apenas conteúdos acaba não sendo o melhor caminho.

Certo dia, montando um experimento degustativo para essa turma, um grupo de estudantes soltou a seguinte frase: “Nossa, a gente não dava nada por você!”. A situação me deixou impactada, rimos em conjunto e a equipe justificou a frase devido a minha pouca idade, pois não esperavam muitas experiências diferentes na sala de aula pelo pouco tempo que estou lecionando.

Confesso que eu fiquei feliz, pois não havia realizado nem metade das ideias que eu tive para aquela turma e já estava despertando o interesse delas/es. Essa experiência me fez repensar em outros contextos, em especial no processo de escrita, o meu processo, o seu processo. Quantas vezes não valorizamos um texto que acabamos de escrever? Em quantos momentos não levamos em conta o contexto em que foi escrito? Penso que não podemos esquecer o nosso amadurecimento dentro do processo de escrita, a nossa história.

Em muitas situações, consideramos nossas ideias fúteis, pois imaginamos que uma boa ideia surgirá “do nada”, sem uma reflexão prévia. Sinceramente, eu não lembro de realizar nenhuma atividade, seja ela escrita ou manual, de forma que eu considerasse minimamente adequada e que eu estava experienciando pela primeira vez.

Não tenho dúvidas de que essa ideia romantizada advém de uma visão parcial da construção da ciência, as histórias perfeitas, as premiações, as ideias maravilhosas que surgem ao acaso, as chamadas “mentes brilhantes”.

Durante a nossa caminhada, quando temos a possibilidade de nos aproximar de outras discussões, acordamos e saímos desse conto de fadas, da romantização do trabalho científico e da necessidade de “nascer” com uma mente brilhante para construir as pesquisas e, nesse sentido, para escrever.

A “descoberta por acaso” nunca foi ao acaso. Existe um processo, uma construção. E certamente nossas mentes ansiosas possuem dificuldade na compreensão dessas etapas. As consequências dessa romantização nos geram angústia, medo e procrastinação no desenrolar dos nossos textos.

Durante a nossa formação básica ou até mesmo no ensino superior, estudamos os “Casos de Sucesso”. A grande problemática é que esses casos falam apenas da parte romantizada, ou seja, dos prêmios pelos trabalhos maravilhosos e que, em alguns casos, receberam o devido reconhecimento. Mas, não falamos sobre as dificuldades no decorrer do caminho, das quais a maioria das pessoas – se não todas – possuem ao iniciar o seu processo de contato com a escrita.

Eu não careço de exemplos de cientistas maravilhosas durante a minha trajetória. O meu desconhecimento é com casos que abordam a construção da escrita no dia a dia, as suas trajetórias, sentimentos e dificuldades. A academia se relaciona muito com a construção do conhecimento. Porém, esquecemos – ou nos fizemos esquecer – que ela tem muito de nós, do nosso processo de aprendizado enquanto pesquisadoras e pesquisadores que falam de diferentes lugares, que são LGBTQIA+, negras/os, pessoas com deficiência, mães/pais dentre tantas especificidades que nos atravessam e transbordam em nossos textos.

“Nossa, a gente não dava nada por você!”

Nós não estamos paradas/os, estamos caminhando. Não entramos na Pós-Graduação sem saber absolutamente nada da escrita – como muitas vezes podemos pensar – a nossa caminhada acontece em tempos diferentes, devido as nossas singularidades. A escrita, a (des)construção dos nossos textos, do objeto de pesquisa, também perpassam a construção de nós mesmos.

Espero que a gente consiga olhar a nossa trajetória. Perceber os nossos sentimentos no caminho da escrita, reconhecendo nossas fraquezas e potencialidades. A criação dos nossos textos e os momentos em que apagamos tudo para escrever novamente, nada mais é do que a busca pelo conhecimento do mundo e de si mesmo.

Que você possa “dar muito por você” e pelo seu progresso, sem esperar isso das outras pessoas.

TRAVESSIAS

Leonardo Priamo Tonello, 2022

Como corriqueiro em todo início de uma pesquisa, existe um pesquisador a pensar: como vou me organizar? Como vou organizar a pesquisa? Quais aspectos são importantes tratar? Estas e outras questões, estavam sempre quentes (mas atenção, se não spoiler, é um teaser: elas sempre estão quentes e tomando formas na mente no processo de uma pesquisa!).

Uma coisa era certa, necessitava organizar essas ideias. E para isso, precisava materializar a nuvem de ideias que permeiam a mente. Em síntese, escrever o pensamento, me permite também compreendê-lo. Assim, logo recorro para mais uma escrita no meu diário de pesquisa. Sim, um diário de pesquisa! O chamo de pesquisa, mas o processo é tão íntimo, que às vezes o chamo de formação: muito semelhante ao formato de um diário de classe do professor, utilizado para anotações e aspectos de planejamento.

Na parte superior da página, como bom entusiasta com sua pesquisa, em letras garrafais, intitulo: “TRAVESSIAS”. E aí, início o ensaio da organização de pontos importantes a tratar. Sempre estava a alimentar ideias, quando estas surgiam após leituras, discussões e, por que não, depois de um eureka em uma reflexão no banho?

No momento, mesmo não estando muito atento ao significado, tal como diziam os dicionários, ela foi o título do primeiro planejamento pessoal de pesquisa. Por que não utilizei outros termos, “sumário da pesquisa”, “pontos a tratar”, “aspectos importantes” ou mesmo “planejamento”? Talvez até fossem mais condizentes, em comparação ao atípico emprego, nesse caso, de travessias. Mas para um diário de pesquisa, tudo é possível, tudo parecia fazer sentido. E não é que fez!

Estava claro naquele momento, que tinha eu algo a caminhar, fazer uma tessitura, me deslocar... fazer uma travessia: caiu como uma luva, pesquisa como um processo de travessia. Ora, sabia que ela poderia significar o ato de atravessar e deslocar de um ponto a outro (ou vários outros pontos). Sabia que o processo não seria linear, mas de constantes atravessamentos.

A erudição do dicionário, mesmo ausente, fez coro. A palavra derivada do latim, radical – trans de "através, o que cruza" e – versus de "virar, fazer dar voltas". Inclusive relacionada a outras do mesmo radical, como travesso (que "vira", inquieto, bagunceiro), ora também transversal (atravessado, que cruza, oblíquo), entre outras, até sinônimos. Afinal, o que não poderia (e aí, incluindo "nos"/"me") atravessar?

Dizem, que um problema de pesquisa, é de fato um problema, quando assim o percebemos, quando somos atravessados por ele, capturados e lançados em busca de sua compreensão. Assim, inevitavelmente, os objetivos nos atravessam, somos lançados em sua direção. Pensamos metodologicamente também a partir deles, se vamos a campo, se vamos para o laboratório, se vamos para os documentos, se estaremos a fazer uma pesquisa empírica ou até mesmo um trabalho de cunho teórico ou filosófico (que arrisco dizer, que nesse caso somos ainda mais arrematados pela travessia). Por que a construção de conhecimentos não pode ser processo de travessia? Para responder a esta questão teria que mobilizar outras travessias, prefiro ficar apenas nessa, na minha.

Mas seria possível uma travessia independente de um coletivo? Talvez... Dizem que escrever, uma dissertação, uma tese é um processo individual; mas, se assim fosse, certamente seria amargo e difícil. Não consigo imaginá-la fora de coletivos ou sem o outro que nos constitui (e vice-versa), atravessamos e somos atravessados por pensamentos, afetos, ideias, imaginações, teorias...

Fui atravessado pelos diálogos e reflexões em momentos de formação ou até comentários do colega, do amigo crítico, sempre importantes para nos lançar do questionamento à busca incessante de respostas ou melhor compreensão de um aspecto inicialmente despercebido. Fui atravessado pelos livros e artigos científicos que li, reli, pelo que escrevi, reescrevi, transcrevi, pelo que traduzi. Nós mesmos estamos em diálogo com nossas escritas, quando a escrever e a ler. Alguns dizem, que é sair de si, para o distanciamento episte-

..mológico, para melhor compreender. Penso ser o mais íntimo diálogo consigo.

E também: como não sermos atravessados por um contexto situado da pesquisa e do pesquisador? Somos atravessados pelos fatos e acontecimentos da história, do nosso tempo, da nossa época, da nossa pesquisa. Não apenas vivemos no mundo, mas com o mundo. Minha geração foi atravessada por uma pandemia nunca experimentada antes, nem mesmo as pesquisas desenvolvidas nesse período deixaram de imprimir esse momento. A formação? Professores e estudantes experimentaram o que nunca tinham atravessado antes. As pesquisas? Foram marcadas a ponto de nomear períodos bem delimitados do mundo pré e pós-pandemia.

Ah! Como bom apreciador de café, fui atravessado pelo seu aroma, inclusive, aquele de dose mais forte que impulsionou as manhãs e as noites de escritas. Aliás, não poderia de maneira alguma deixar de mencionar: fui atravessado pelo chimarrão, devendo estar sempre amargo, condizente com a erva mate de qualidade que, aliada ao ritmo de música clássica à folclórica (sim, bem eclético!), atravessaram os momentos de escrever, relaxar ou até inspirar.

Bem, tantas travessias, impossível não divagar. Mas afinal, quais pontos constituíram meu planejamento? Se chegou até aqui, certamente teve algumas pistas. São pontos e anotações íntimas e confidenciais: próprias de quem as escreve. Mas, uma coisa garanto: foram muito mais longe do que se propuseram andar. Agora ganharam vida nas várias linhas no trabalho de pesquisa, desde o momento que começaram a trilhar; agora vão ao mundo, para meu interlocutor em sua travessia me encontrar.

PROCRASTINAÇÃO

Letícia Medeiros Larroyd, 2022

Eu tenho tido uma vida solitária.

Às vezes ela vem me fazer companhia, às vezes fica dias longe e nem sente a minha falta. Eu diria que a maioria dos dias tem sido longe dela. Ela está sempre muito ocupada pra mim. Sempre tem outras prioridades. Todo o resto é sempre prioridade.

Ela passa dias longe. Dias! Quando, de repente, se lembra que eu existo, volta como se nada tivesse acontecido, sem nem se dar conta. Você não pode me deixar de lado por tanto tempo e esperar que eu não fique chateado. Eu tenho sentimentos, sabe? Eu queria dizer isso pra ela. Mas ela não me ouve. Ela nunca me ouve.

Acorda. Trabalha. Lê um texto ou outro pra alguma disciplina. Corre pra aula. Reunião do grupo de pesquisa. Mais trabalho. E eu sigo aqui. Eu tô sempre aqui. Sempre esperando. Sempre com aquela aba “Dissertação” ali no canto, pela qual ela dificilmente passa o mouse.

Ouvi ela dizendo que reservou um tempo pra passar comigo! Falou que vai ser a tarde inteira! Eu tenho tantos planos! Vamos escrever páginas e páginas desse trabalho, ler artigos, fazer fichamentos, vai ser incrível! Estou tão empolgado! Eu tenho tantos planos...

Lá se vai ela, mais uma vez, até a cozinha fazer sei-lá-o-quê. Ela voltou de lá há 10 minutos, quando também não sei o que foi fazer. Ela já veio até aqui, fizemos algumas coisas juntos, planejamos o que fazer, mas nunca fazemos o planejado. Ela nem tocou na aba da dissertação. Inventou outros trabalhos para fazer antes, como se esses tivessem maior prioridade por terem prazos mais apertados. Faria sentido se isso fosse verdade, né? Mas, apesar dos prazos mais apertados - coisas para entregar daqui a 1 ou 2 meses -, esses são trabalhos muito mais simples e que, claro, não exigem tanto da su energia. Esse pessoal parece que às vezes inverte muito as prioridades, viu!

!Ela sabe que deveria estar na aba da dissertação buscando dados, pesquisando autores, analisando trabalhos. Mas prefere estar

... em outro documento, um tal nomeado “Crônica”, que ainda não entendi muito bem como se relaciona com a rotina caótica que ela tem.

Eu tô tentando. Eu tô gritando! Mas ela segue me ignorando. Já se passaram 3 horas. Reorganizou a rotina semanal. Leu mais um texto sobre um tal de Paulo Freire. E mais uma vez fugiu do nosso combinado.

Mais um dia que estamos aqui juntos. Mais um dia que ela poderia estar trabalhando na sua dissertação. Mais um dia que decidiu trabalhar em outra coisa.

Olha só! Hoje ela abriu a aba certa. Hoje parece que vai! ... Ih, olha lá, foi pra cozinha passar um cafezinho, porque, diz ela, precisa desse cafezinho pra se concentrar. E se foi mais um dia.

Tá sendo difícil tocar isso sozinho. Não sei até quando vou aguentar.

Foi um prazer poder desabafar um pouco com você.

Obrigado por me ouvir.

Atenciosamente,

O parceiro de trabalho dela,

Computador.

ESCRITA
ACADÊMICA
PRECOCE?

Lidiane Camini 2022

Escrever é intrigante... Quando era criança achava um saco escrever, gostava de falar, a famosa faladora pelos cotovelos, mas escrever, escrever era sinônimo de copiar. Aí veio o ensino fundamental, em que escrever também tinha a ver com contar uma história, que podia ser verdade ou não, um espaço farto para imaginação. Gastei alguns cadernos com contos onde eu podia visitar países diferentes, conhecer pessoas novas e até uns devaneios criminosos com tramas ardilosas, romances e quebras de expectativa generalizadas.

E se eu fizesse um curso técnico para ajudar a me preparar para o futuro, o tal mercado de trabalho? Mais que isso, e se eu aproveitasse que mãe Dilma está oferecendo PRONATEC de graça na minha cidade e fizesse dois cursos técnicos? Lá fui eu, fazer um ensino médio integrado em Manutenção e Suporte em Informática e um curso técnico em Administração no contraturno. Veja bem, em pleno 2014, com belos 17 anos, defendi dois TCC's.

Se você me pedisse qualquer documento de texto digital nessa época, sabe o que receberia? Um documento formatado por uma adolescente que tem configurações do tipo 3 cm de margem a esquerda e superior, 2 cm a direita e inferior, tudo justificado, 1,5 entre linhas, recuo na primeira linha. Além disso, se nesse documento precisasse referenciar alguma coisa, teriam citações diretas e indiretas perfeitamente referenciadas, com uma página final onde todas as referências estão no padrão ABNT. Um perfil incomum para quem não podia nem beber ainda, né? Porre acadêmico poderia dizer que tomei alguns...

Mas esse negócio de referenciar ficou na minha cabeça sabe? É importante saber de onde vem as informações que estou lendo caso eu queira passar essa informação adiante, assim como é importante saber quem é a pessoa ou órgão que publicou, afinal de contas têm fontes com mais credibilidade que outras.

O TCC de Administração fiz sobre um processo chamado PDCA, cada letra é abreviação de uma palavra em inglês, respectivamente

Escrita acadêmica precoce?

...: Plan, Do, Check, Act. A proposta era aplicada a um problema de gestão empresarial. Apesar desse processo ter sido apresentado como uma ferramenta administrativa, ele faz parte dos meus planos, tentativas, falhas e retentativas, afinal o tal do PDCA trazia a proposta de planejar, pôr em prática, checar os resultados e entrar com uma ação para melhorias ou uma ação corretiva, caso os objetivos alcançados tivessem se afastado muito do planejado. O PDCA é meu modus operandi de planejamento e nele sempre tem uma visada de melhora, novas tentativas e de avanços. Não sei muito bem o porquê, só sei que interiorizei esse PDCA.

O TCC de Informática? Cloud Computing. Em 2014, computação em nuvem era mato e lá foi a Lidiane com referências internacionais para pôr esse assunto sobre a mesa numa cidade interiorana que tem relação com campo, não com tecnologia. Trazia a opção de uma empresa de fotografia oferecer a mídia digital em uma nuvem para os clientes, sabem que nuvem era essa? O Google Drive. Hoje todo mundo usa, só que na época parecia que eu estava sendo audaciosa ao dizer que cidadãos comuns que não trabalham com tecnologia iriam usar uma nuvem. Descobri uns anos depois que eu sou o que começaram a chamar de “nativa digital”, super introduzida no meio da informática desde o início da vida, então têm coisas que parecem naturais para nós, os nativos digitais, porém são pouco intuitivas à geração anterior.

Tecnologia me chamava atenção, matemática também, juntando os dois, entrei no bacharelado em Matemática e Computação Científica na UFSC. Você acredita, que eu percebi que não era alfabetizada em matemática? Não para nível superior, por isso, lá fui eu aprender a escrita acadêmica formalista matemática. É uma escrita padrão, apresente sua premissa, justifique seu caminho e a escolha de suas ferramentas, depois conclua que sua premissa é verdadeira ou falsa. Diria que virei uma escritora concisa, páginas e páginas de escrita matemática.

Em algum momento, me convidaram para um tal de EREMATSUL , parecia interessante, foi meu primeiro evento acadêmico de nível

...superior em 2016. No ano seguinte, de prontidão, convidei um grande amigo para escrever um trabalho como relato de experiência de uma oficina que ministramos no PIBID . Ah PIBID, que saudades de você... No ano seguinte, novamente fomos no EREMATSUL eu e o mesmo amigo, claramente comparsas, dessa vez não escrevemos sobre uma oficina, escrevemos sobre a experiência em um estágio, conhecendo alguns dos lugares que um professor que ensina matemática pode ocupar.

Você sabia que professores que ensinam matemática podem estar na classe hospitalar? Em um NAAH/S ? Em um NETI ? Em um preparatório intensivo de vestibulares? Ser redator de materiais? Ser laboratorista? Além da sala de aula tradicional, fundamental, médio, médio integrado, formação continuada, superior, cursos técnicos, tantas opções... Essa foi uma experiência de escrita marcante. Não era escrita matemática, aquela que meio que fui adestrada para reproduzir. Sinto que me fez refletir sobre o leque extenso de opções que teria depois de me formar, perceber que alguns desses lugares permitem que eu seja mais eu mesma, tem mais a ver com “meu perfil”.

No contato com essas escritas, precisava escolher um tema para o TCC da graduação, um terceiro TCC. Me aventurei pelo campo da teoria de jogos, um baita campo da matemática aplicada, mas parecia distante, tinha cara de hobby, não de uma identificação visceral. E sim, me falaram que eu devia encontrar um tema, um objeto, uma teoria que fosse visceral, algo com o qual eu sentisse uma conexão. Em busca de um sentimento forte, o mais próximo de visceral eram os relatos do EREMATSUL, retornei ao que já tinha escrito e comecei a vislumbrar algo voltado à educação matemática, queria algo que falasse de inclusão e diversidade. O que fez brilhar os olhos naquele momento foi a educação de surdos.

O resultado foi um TCC que contou com a ida ao I ENEMI , uma incursão ao tema de pesquisa, um mergulho em um mar calmo e quentinho, parecia a Praia da Daniela no verão aqui da Ilha de Florianópolis. A escrita acadêmica parecia tranquila, meu contato com

Escrita acadêmica precoce?

...ela até aqui parecia amigável. Eis que o mundo é assolado pela COVID-19. Com uma situação completamente inesperada, lá vou eu usar o PDCA na minha vida, refazer planos e entre eles pôr no horizonte um mestrado.

Você notou o meu “até aqui” do parágrafo anterior? Pois então, é a parte da história que alguém fala “é que até então estava tudo indo bem, só que aí...”. Novamente descobri que ia ter que me alfabetizar, a pesquisa acadêmica na Educação Científica e Tecnológica requer uma escrita com a qual eu não estava familiarizada, autores que ouvi falar apenas de vislumbre, um mundo novo e imenso. Vejo-me novatíssima num lugar em que esperam que eu seja experiente, talvez enganados pelos três TCC's. Sou perguntadeira e, chocando um total de zero pessoas, a partir de agora, trago mais perguntas do que respostas.

Por que eu sinto um mal-estar só de pensar na tentativa de escrever um artigo sobre o TCC da graduação? Qual o motivo de ser consumida por agonia quando penso sobre o 1º ano do mestrado? Que Grand Canyon foi esse que atravessei entre a graduação e o mestrado? Parece que me catapultaram de uma extremidade do Canyon para a outra, não tem volta, não tem meio termo, existe apenas a opção de desistir. Quase numa crise de identidade me senti uma autora na caixa de Schrödinger, viva e morta, meu texto assim como eu, estava vivo e morto. Entre idas e voltas de texto, primeiro me disseram que eu estava “me pondo” muito no texto, que texto acadêmico não era espaço para “militar”, faço uma limpa para atender o pedido, aí me dizem que estou ausente do texto, sem me posicionar. Escrever sobre as resistências é a mesma coisa que militar? Relatar a realidade sem maquiagem é militância? Será que um dia voltarei a sentir a escrita como aquela água da praia calma e quentinha da Daniela? Resiste a vontade de escrever. Isso é no mínimo intrigante, então acredito que sim!

O EU E A ESCRITA

Luan de Pinho, 2022

Na semana passada, enquanto caminhava de volta para minha casa com aquele clima de início de primavera, me peguei refletindo sobre a minha infância e como era minha relação com a escrita. Lembro-me que gostava de sentar na varanda de casa e com o vento soprando realizava a leitura de alguns poemas de minha autoria, e às vezes, os reescrevia ou me inspirava para escrever uma nova passagem poética.

A escrita, de modo geral, entrou em minha vida nos primeiros anos que frequentei a escola, adorava ler pequenas poesias e me fascinava o poder das palavras e suas rimas que me encantavam. Confesso que eu não era uma criança difícil de agradar e encantar.

Naquela época não havia tanta preocupação com a gramática, sem amarras ortográficas como o futuro do pretérito mais que perfeito ou quaisquer outras formas de tempo verbal que, sinceramente, deixavam-me confuso e perdido. A ingenuidade contribuía para que meus textos expressassem da forma mais pura e natural meus pensamentos e sentimentos.

Envolvei-me com aqueles jogos de palavras e me arrisquei a criar meus próprios textos, mas confesso que eram ruins, de acordo com as correções da língua portuguesa. E assim minha autocrítica se inflou e tomou conta desse meu fazer escrita. Eu tinha apenas dez anos de idade, seria injusto julgar o Eu daquela época. Porém, o julgamento que recebi naquele tempo, se tornou um trauma, criando o medo de continuar a escrever. É como cortar aos poucos as asas de um pássaro, que com o passar do tempo vai perdendo a capacidade de voar e acredita que não possa mais realizar tal aventura nos céus e se aquieta em silêncio.

Foi na graduação que a escrita voltou a ser uma forma de voz para mim. Oferta a possibilidade de que minhas palavras sejam cravadas no papel, trazendo à tona o que minha voz, por vezes, me impede de falar. Um formato mais “acadêmico”, delineado, estruturado e cheio de regras, mas que de certa maneira me atiçava a

...escrever, mesmo aquele dito modelo sendo algo novo. E, justamente, por ser algo novo em minha vida, eu me entreguei, mesmo questionando-me “e se eu errar?”, pois bem, que eu erre e saiba seguir em frente sempre aprendendo, não nasci sabendo, e não conheço ninguém que nasceu com domínio sobre a escrita acadêmica científica.

A escrita científica é como aquela conversa de bar com um grupo de pessoas em que a conversa flui. Penso que encontrar o tema que te inspira é o ponto central para que você escreva e o mais importante, ame o processo de escrita e o aproveite da melhor forma possível para se expressar.

Lembro-me perfeitamente do dia em que me foi recomendada uma disciplina optativa para realizar na reta final da graduação, o nome dela despertava a minha curiosidade e por isso cursei a disciplina. Saí dela repleto de questionamentos, pois tive a oportunidade de ler sobre uma temática que se envolvia diretamente com a minha vida, o que me fez querer me aprofundar e escrever mais sobre o tema.

Trago um questionamento feito há pouco tempo: “O que te motiva a escrever?”. Em resumo, quero dizer que é mais fácil metaforizar o que eu sinto. Sabe quando colocamos um cubo de gelo em uma chapa quente ou quando a água para passar aquele café matinal finalmente começa a ferver?! Pois bem, nesse instante que aquele vapor sobe e se vê a dança da água é como me sinto quando a ideia surge em meus pensamentos e então consigo transcrever.

livro de crônicas

ESCREVER
E/OU VIVER:
PARA ALÉM DE
LINHAS, TRAÇOS E
MARCAS NA VIDA

Manuel Bandeira dos Santos Neto, 2022

A escrita sempre me foi algo prazeroso. Desde criança gostava de ler, escrever. Tinha diários para tecer um pouco dos meus dias, dos meus projetos e dos meus sonhos. E ao longo dos anos essa paixão foi se fortalecendo e o desejo de ser um escritor foi florescendo em minha vida.

Então, comecei a escrever poemas, crônicas, textos reflexivos sobre o tempo, sobre o amor, sobre as minhas descobertas de vida e sobre as minhas decepções também. A escrita tornou-se parte do que sou, sou parte do que escrevo. Como eu mesmo digo, escrevo sobre mim, sobre o mundo, sobre todos. Escrevo do nada, para o nada e vejo no nada a possibilidade de tudo: de criar, de inventar, narrar ou só tecer linhas de histórias vividas ou não.

E nesse caminho de escrita, existe também o eu profissional/ professor e o eu pesquisador. E nesses mundos diferentes, mas convergentes na identidade e na essência de dar forma, de narrar, investigar, contar, ler o mundo e as pessoas. Esses caminhos convergem na minha identidade profissional como reflexo do passado sonhador de uma criança que amava ler e escrever.

Contudo, não é só sobre esse desejo e prazer por escrever que a minha trajetória caminha. Em alguns momentos tive de fazer escolhas, passei por momentos de dificuldades e conflitos com a minha escrita, porque ela deixou de ser um lugar de prazer e passou ser um espaço de opressão, cobrança. A necessidade de muitas páginas, de produção compulsória exigida na pós-graduação foi me podendo, me limitando e me tirando a alegria da escrita.

Lembro-me de buscar na minha pesquisa, mesmo sendo algo que eu desejava investigar, compreender e mesmo trazer contribuições para a sociedade, um sentido para continuar pesquisando, continuar escrevendo e me conectar com o prazer que antes sentia.

Foram dias difíceis. O computador me assustava e a minha trajetória acadêmica sonhada e construída em dias e noites de abnegação de muitas coisas banais do dia a dia, mas que fazem a vida caminhar mais leve, não fazia mais sentido.

Escrever e/ou viver: para além de linhas, traços e marcas na vida

Foram muitos sacrifícios para que chegasse em um certo momento do mestrado e não conseguisse mais me enxergar, me conectar com o meu eu profissional; meu eu pesquisador; meu eu escritor. Não me conectava mais com a escrita e a razão de escrever.

Tudo isso era assustador, escrever era a minha essência e ainda é. Porém, as palavras, as cobranças, as dúvidas que me foram lançadas sobre o que eu queria, sobre quem eu era e para quem eu precisava escrever foram consumindo a minha vontade. Foi difícil me reconectar com a alegria de antes. Ainda estou tentando juntar as linhas que se perderam, reescrever as linhas que foram apagadas da minha vida.

Recordo de, no final do mestrado, mesmo com toda a angústia de escrever, de buscar uma solução. E vi que eu conseguia escrever em um caderno os meus pensamentos, ideias sobre a dissertação, ou mesmo várias páginas e depois colocava no computador. E assim eu fiz, juntei forças para traçar novas linhas e vencer essa etapa. Venci.

No final, com o título de mestre e ainda sem muita força e coragem para escrever, decidi que não iria deixar que me definissem, me limitassem. Eu queria mais, queria continuar escrevendo e queria continuar pesquisando. Decidi tentar ser doutor.

Aqui estou, hoje escrevo com mais alegria. O doutorado me trouxe força, me trouxe equilíbrio e apoio. Não me reconectei com a minha escrita por completo, ainda sou limitado pelas experiências, marcas que deixaram na minha vida acadêmica, profissional e pessoal. Porém, o meu desejo de escrever e de viver é maior, porque escrever é vida; é movimento de descoberta, de busca; é viagem de compreensão do mundo e de mim mesmo.

É isso que venho fazendo: buscando me compreender, me conectar com a alegria e amor de antes pela escrita. Nessa busca, publiquei um livro de poesias e crônicas e estou quase finalizando a minha tese de doutorado. Venho tentando juntar as linhas, melhorar os traços e compreender as marcas da vida, porque viver é dar sentido, fazer sentido e ser sentido. E a escrita é uma das maiores formas de fazer e ser sentido.

É TEMPO DE PRIMAVERA

Marcelo da Silva, 2022

É tempo de primavera

10h04 minutos do dia 22 de setembro de 2022, exatamente 12 horas antes de começar a primavera no hemisfério sul, foi quando dediquei parte do meu tempo para escrever este conto. E conto a vocês que, justamente no dia do equinócio da primavera, onde temos exatamente 12 horas de luminosidade e 12h de escuridão, o que se denomina equinócio, busquei inspiração como no desabrochar das flores, uma ideia para produzir algo que me libertasse de um texto conectado ao que estou vivendo nesta fase "doutoramento".

Quando falo “é tempo de primavera”, busco associar aos tipos de tempo. Primeiro, ao tempo Khronos, o tempo quantificado, o do relógio. É o tempo que nos pressiona, que nos traz angústia, que nos faz dormir tarde e acordar cedo, para que possamos cumprir os prazos de entrega. Khronos nos evidencia que temos cada vez menos tempo para cumprir os nossos compromissos, a cada nascer do sol (e agora com a primavera, aumenta-se o período de luminosidade), temos a sensação de que os dias estão mais longos, mas Khronos nos informa que independentemente de claro ou escuro, o tempo corre e os prazos se apertam.

Acordamos a cada nascer do sol, com a esperança de termos mais inspiração, ligamos nossos computadores empolgados em escrever bem. Em alguns dias o trabalho rende a sensação de que “agora vai” tomar conta de nossos pensamentos, durando até o próximo bloqueio mental.

O olhar fixo na tela, e nada! Digitamos frases sequenciais e ao reler o que foi escrito, a vontade de deletá-las é maior do que a necessidade de finalizarmos a atividade. O tempo corre, a angústia aumenta, e você lembra de Khronos, o carrasco, o controlador do tempo real. Na mitologia Grega, Khronos é o Deus do Tempo, possuindo uma grande força que não pode ser detida, afinal, o tempo não para.

Mas será que o tempo medido, cronológico, é igual para todos e todas? Para buscar respostas lhes apresento Kairós, filho de Zeus, e

...aquele que não se importava com os segundos, minutos ou horas, muito menos com o calendário. A mitologia destaca que o tempo Kairós se relaciona com as surpresas do dia a dia, com as oportunidades, como agora, estou aqui ainda às 14 horas e 29 minutos, com o tempo disponível para escrever este conto, sem me preocupar com Khronos e confesso, está fluindo muito bem.

Em alguns momentos, numa parada para o café, minha mente é tomada por pensamentos cronológicos. “A qualificação deve ser feita até março de 2023”, grita Khronos em meu ouvido. Kairós nesse momento perde espaço, já não sei se me concentro no conto, ou conto os meses que faltam para encerrar o meu prazo.

Após uma nova xícara de café, paro buscando encontrar Kairós e percebo que ele não está só, com a fluidez que estou desenvolvendo este texto, mesmo não sabendo se terei vontade de deletar algumas frases ou palavras, observo a presença de Aiôn. O tempo Aiônico se relaciona ao tempo da intensidade, ou seja, quando perdemos a noção do tempo cronológico, quando mergulhamos na atividade executada divertindo-se com ela, vivendo cada segundo intensamente, pouco se importando com os chamados de Khronos.

A primavera, ou diria o primeiro verão, segue aquecendo as minhas ideias, a minha mente, e mesmo com todas as dificuldades que tenho, com os compromissos com Khronos, afinal, ser professor, estudante e pai, me impedem de me desligar das responsabilidades impostas pelo tempo quantificado. O que busco é identificar a presença de Kairós (tempo oportuno) e ele já sabe, se vier só, juntos vamos atrás de Aiôn.

O tempo aiônico não necessariamente reflete numa grande produção escrita, pode e deve também aparecer numa leitura prazerosa, a qual, aprendi neste momento do doutorado a dar valor.

Anteriormente, meu hábito de leitura era no período noturno, sempre finalizado com anotações e reflexões para servirem como apoio para a escrita no dia posterior. Nem sempre funcionava, acordava, pegava o caderno de anotações e me sentava à frente do computador,

após algumas tentativas, percebia que Khronos me devorava e a produção era mínima, ou seja, não fluía.

Com o tempo, percebi que há dias que não consigo me desligar dos afazeres outros, o cuidar da casa, as contas que estão para vencer, o carro que apresentou um problema, enfim, outros não ligados à escrita. Nestes dias, em que a produção é dolorida e com pouco resultado, resolvi investir meu tempo na leitura, em ver um vídeo ou escutar uma música. Assim, com a mente arejada, consigo não apenas ter mais informações para escrever, como inspiração.

O tempo cronológico nos devora, os prazos se aproximam, a angústia ronda a nossa órbita, tornando, assim como a primavera, as noites mais curtas. Sigo acreditando que tudo dará certo, o caminho percorrido na translação gera mudanças significativas em nossas vidas, como as estações do ano ao nosso planeta. Já passei pelo outono e inverno, sigo agora na primavera, esperando ansioso pelo verão, onde poderei aquecer novas mentes com a evolução adquirida em todo o percurso de meu doutorado.

Para o que lhes conto, caberia mais, muito mais, “tempo, tempo, tempo, tempo”. Um conto dentro de outro conto, mas como o tempo é relativo, segue, hoje, em tempos de primavera, a um só tempo, apenas este conto. Um conto em que Khronos, Kairós e Aiôn foram esmagados pelo tempo, o tempo do doutoramento. Ainda assim, é primavera.

REFERÊNCIAS

Raquel Rohden, 2022

Mais uma vez sentada em frente ao computador para escrever, na tentativa mais ou menos falha de conversar com minhas referências acadêmicas, deslizo, sem muito pensar, os olhos e as mãos para o celular e acesso minhas redes sociais. Um tempo de suspensão se passa, com minha atenção presa às postagens infinitas, passando de uma para a outra com a ponta dos dedos.

Sigo nesta espécie de transe até que uma imagem me chama atenção: uma menina hondurenha segurando um cartaz feito à mão com a frase “Vamos a ganar esta lucha, me lo dijo el río”. A menina me reorienta, afinal, como ela, também acredito que os rios devem ser vivos e livres de barragens e seus impactos sociais e ambientais. Isso me move a pesquisar e escrever. Neste momento, ela e o rio são minhas referências. Com um sorriso, largo o celular e retorno os olhos para o computador.

Mas, diferente da menina e da mensagem forte e certa que ela carrega em seu cartaz, o texto incompleto que novamente encontro me atordoa. Me lembra em instantes de tudo que está por ser dito e escrito. A potência e o desafio das possibilidades acendem as angústias desta árdua tarefa de encadear palavras que se conversem entre si, com o tal campo de pesquisa e com quem eventualmente vá ler o texto. Escrevo algumas frases desconstruídas, frustrada com o caminho anticlimático que seguiu a inspiração que a menina generosamente me ofereceu.

Levanto-me da cadeira, dou alguns passos pela casa, volto ao computador. Os poucos minutos foram suficientes para me ocorrer o pensamento de que escrever uma dissertação, ouvir o rio e vencer as pequenas e grandes lutas sociais não são coisas que se fazem de uma hora para outra. Demandam tempo e trabalho. Lembro a mim mesma que nossas referências nos apresentam caminhos pelos quais é possível caminhar e nos provocam a humildemente construir novos a partir deles. E quem sou eu para não contribuir com a vitória que o rio e a menina anunciaram?

O TECLADO NO
COMPASSO DO
REI TROVÃO

Rhaysa Terezinha Gonzaga, 2022

O teclado no compasso do Rei Trovão

Vvvvvvvvvvvvvvvvv! O vento de Oyà fazia lá fora.

Dentro do quarto só o som das teclas, que às vezes ficava de forma ritmada, combinado com o brrr-booom! brrr-buuum! Trommm! dos trovões da tempestade lá fora.

Pelo tanto de trabalho que havia pela frente, a noite estava apenas se iniciando, onze e quarenta e três, anunciava o relógio do computador, quando Sekani abriu a porta do meu quarto para desejar boa noite, já ia descansar.

Sekani é um excelente roommate, temos um ritmo muito diferente, mas ambos conseguimos respeitar perfeitamente o tempo e o ritmo do outro. Este é o horário que ele sempre dorme, toma seus remédios para dormir e sei que, a partir dali, não é mais possível acessá-lo até a próxima manhã.

Estamos em momentos diferentes da vida, enquanto meu colega já possui uma graduação, estou no segundo ano da minha primeira. Enquanto ele vivencia a cidade como recém-chegado, eu nasci aqui e espero não me demorar muito mais, afinal, nunca foi casa para pessoas como eu. Hoje, tendo desafios imensos, como a escrita deste trabalho que eu imaginei que seria de grande satisfação e está sendo um grande martírio e motivo de adoecimento.

CABRUMM!

Xangô fez lá fora, anunciando os relâmpagos e raios, me fazendo dar um pulo de susto e voltar a atenção ao que eu precisava de imediato. A escrita! A escrita! Não posso cessar a escrita!

Minha cabeça fervilha, tentando compreender: por que, apesar de tantas coisas que venho discutindo nesse trabalho, com tanta informação nova para mim e, uma situação gritante como essa, a única coisa que a professora corrige são as formatações? Formato da letra, fonte, tamanho, espaçamento, parágrafo, margem, bibliografia... Ou referência? Para mim sempre foi a mesma coisa;

...quando decidiram que isso mudou? Sinto-me frustrada. Ter sete anos de diferença entre o período da Educação Básica e o ingresso em uma graduação, faz tanta diferença assim? Tanta coisa mudou ou tanta coisa é diferente?

Eu escrevi que o diretor da escola que fora entrevistado disse que não acredita em racismo! E a única coisa que importa para a professora é que esteja entre parênteses ou com recuo de quatro centímetros? Isso não faz sentido para mim! Vvvvvvv! Oyà fez mais forte, interrompendo meus pensamentos.

Vou conferir se Sekani fechou todas as janelas antes de ir deitar-se. Antes de voltar à escrita, peguei mais um café, a janela da cozinha, ainda sem cortinas, me chamou a atenção pela chuva forte. “Anamburucu, chega com a chuva, molhando a terra, dando de beber às raízes e sempre me nutre com a diversidade que chega: ora calma e contínua, ora voraz e fugaz”, meu pensamento vai longe... A caneca de café já está pela metade, vou logo completar, afinal já é quase uma da manhã e preciso voltar à escrita! A escrita! A escrita! Não posso cessar a escrita!

Esse trabalho é um desafio o qual eu não estava disposta a enfrentar inicialmente. Eu nunca me interessei por temas relacionados à questão racial; sempre aprendi que é um assunto que precisa ser deixado para morrer, para que finalmente as pessoas parem de tratar umas às outras com diferença devido à cor de pele. Mas, na turma de 32, havia apenas mais uma estudante negra, além de mim, Oluwá.

Na primeira semana já nos tornamos colegas e decidimos fazer juntas o temeroso trabalho final, juntaram-se à nós outras três colegas da turma. Oluwá opinava que, por sermos de áreas diversas de ensino, deveríamos falar sobre um assunto em comum: “as relações raciais no ambiente escolar”; a professora recusou o tema, eu não soube opinar. Sofri também com racismo de forma sistemática na escola. Mas, no ano anterior, na universidade, em meu primeiro ano,

O teclado no compasso do Rei Trovão

...passei por uma situação muito difícil de lidar: junto com outra colega da turma ingressante em Química, a única preta além de mim, uma situação que a fez desistir do curso. Então não me sentia muito motivada a pensar sobre o tema. O grupo do trabalho aceitou o tema por insistência de Oluwá e assim seguimos, pensando em como elaborar a pesquisa.

CABRUUM! Brrr-booom! brrr-buuum! Trommm!

Xangô me chama de novo à escrita... Minha cabeça cansada, parecia estar tomando outros rumos. Já eram quase duas da manhã, quando finalmente terminei de aceitar todas as “sugestões” feitas pela professora ao documento. Sugestões que eu nem mesmo considerava, apenas aceitava, afinal, os termos grosseiros que ela sempre usara para a minha escrita, não me faziam sentir aberta e perguntar, tentar entender e muito menos discordar.

Assim, volto à escrita! A escrita! A escrita! Não posso cessar a escrita! Preciso retornar o trabalho a ela ainda pela manhã, sem falta! O prazo está curto, foi severamente reduzido e eu não posso me dar ao luxo de querer dormir esta noite. Oluwá desistiu da disciplina, assim como as outras colegas do grupo. Na verdade, poucas pessoas da turma seguem nessa fase final, afinal, não é fácil lidar com essa professora. Eu não posso me dar essa possibilidade, até porque já precisei lidar com situações piores... Só preciso manter o foco na escrita e não adormecer no teclado.

Alguém com tantos anos de experiência no trabalho noturno, não pode sofrer tanto para ficar algumas noites acordada apenas escrevendo em um computador... Pela lógica, me parece óbvio, mas na prática, está sendo difícil. Sigo, então, tentando ritmar a escrita com os sons da sequência de trovões nesta tempestade que não finda.

Ao mesmo tempo, essa análise dói. Dói de uma forma que eu posso sentir em meus órgãos, na minha mente, na minha vista cansada, na minha existência tão jovem e calejada desse discurso. Eu jamais saberia que não querer abordar as relações raciais em sala de

... aula é não cumprir uma Lei. Eu jamais saberia que existe uma Lei que exige isso, se não fosse a escrita desse trabalho. Mas, saber disso, apesar de me deixar feliz, me faz sentir dor ao lembrar que ninguém segue esta tal Lei, e que estou virando noites para analisar as falas de um diretor escolar que é contra ela.

Abrir os olhos dói, me obriga a acessar coisas que eu nunca pensei que seriam necessárias, ler tanto sobre direitos que eu nunca imaginei ter, e saber que em diversos momentos da minha vida eu não os acessei por falta de conhecimento e que não é possível voltar no tempo. Eu não sei o que fazer com a minha eu que ficou para trás e continua sofrendo por se sentir injustiçada, mas, tentando me convencer de que é “frescura da própria mente”; eu sinto dor... Mas, não tenho tempo para pensar sobre isso... A escrita! A escrita! Não posso cessar a escrita!

Eu não sei se primeiro organizo todas as falas do diretor, ou primeiro realizo as leituras para falar sobre elas. Afinal, será que vou encontrar referências o suficiente para isso? Pelo que entendi, não pode ter a minha opinião no trabalho. Eu decidi o tema, eu elaborei as perguntas da entrevista, eu entrevistei, eu fiz cada detalhe, eu observei a postura dele durante a entrevista, mas na hora de analisar, só autoras/es de renome podem “falar”, mas, afinal, o que eu trago de novo aqui então? Por que a professora disse que, para ser pesquisa, precisa ter novidade, se todas/os autoras/es que eu citar já falaram disso, de que vale este trabalho?

Eu não sei se fiz leituras o suficiente... E se eu deixar passar alguma leitura importante? Eu nem sei como buscar leituras exatamente. A professora disse “na internet tem tudo”, mas quando citei uma reportagem ela também disse “Menina, não se cita deste tipo de veículo, está com problemas?”. Mas, afinal, o que é que se cita??! Ninguém me explica, mas esperam que eu saiba e que eu faça excelentemente, sem falhas, sem erros, sem faltas, sem incoerências, sem a minha opinião!!

O teclado no compasso do Rei Trovão

Vvvvvvvvvvvv! Oyà assoviou o vento!

Será que eu pego um cachecol ou uma manta, para me aquecer na mesa de estudos? Não posso ir para cama, senão posso acabar dormindo. Vou pegar logo uma manta, para não precisar levantar mais e focar na escrita! A escrita! A escrita! Não posso cessar a escrita!

De volta à mesa e os pensamentos me carregam de novo, pensando... Se ao menos eu tivesse colegas para compartilhar esse momento; se pelo menos Oluwá me acompanhasse nesta jornada para que pudéssemos compartilhar e dividir nossas dores, se no mínimo ela pudesse estar comigo nesta escrita, para me consolar e dizer que eu não estou sozinha em achar essas falas, ditas por um educador, absurdas como são. Quem sabe não estivesse sendo tão dolorido.

Se ao menos, a parceria neste trabalho tivesse sido real em algum momento. Se não tivesse sido eu, a pessoa que brigou e lutou para defender o tema. Se realmente existisse alguém além de mim neste processo solitário desde o início... Um trabalho que deveria ser em grupo, mas que, pela escolha do tema, precisei fazer só... Pela normalidade de ser a única negra, mais uma vez minha mente criou uma protagonista para me salvar e me erguer, Oluwá, que na verdade sou eu e minha única parceira. A verdade mesmo é que agora não tenho mais a quem recorrer, talvez nunca tenha tido. A verdade mesmo, é que escolhi um caminho que me faz só. A realidade que me assola é que talvez eu sempre esteja, e estou agora iniciando este caminho escolhido, a academia. Será que é mesmo este o caminho? Será que é isto mesmo que vai me ajudar a compreender e colaborar na mudança de tais injustiças que venho estudando e descortinando na minha mente?

Já são quase seis horas. Vou logo enviar para a professora, que disse que me retornaria até meio dia. E então, deverei acordar para seguir em escrita, o prazo está acabando, não tenho tempo para ficar pensando... A escrita! A escrita! Não posso cessar a escrita!

AS PRIMÍCIAS DA MINHA ESCRITA

Thaís Soares da Silva, 2022

As primícias da minha escrita

A escrita acadêmica surgiu na minha vida por meados de 2010, quando despreziosamente resolvi tentar uma vaga de bolsista num projeto de iniciação científica. Agora parando para analisar vejo como a vida é engraçada e nos leva a lugares que nunca imaginávamos estar.

Aliada a um colega de sala submetemos um projeto referente ao aproveitamento integral dos alimentos, visto que cursávamos o ensino técnico em agroindústria e ensino médio no Instituto Federal de Educação, popularmente conhecido como IF (Campus Vitória de Santo Antão, interior de Pernambuco), ao iniciarmos aquela jornada não imaginávamos os frutos que o projeto iria gerar.

Lembro-me de como o começo era desafiador e empolgante, cada etapa do cronograma que era concluída, uma nova sensação era despertada. O projeto tinha como base central a pesquisa e a extensão, dentre as atividades propostas estava a elaboração de receitas que visassem o aproveitamento do alimento por inteiro, ou seja, quando usávamos a fruta banana, desenvolvíamos receitas que utilizassem tanto a casca quanto a polpa, as receitas elaboradas eram oferecidas no refeitório da instituição. Relembro essas memórias com muito contentamento, pois, ali iniciava a minha jornada na vida acadêmica, uma vez que ao término de cada etapa aproximava-se a tão temida divulgação dos resultados, das experiências vivenciadas no decorrer do projeto.

Revivo essas memórias para contextualizar o início do percurso e dizer como foi difícil escrever o meu primeiro artigo acadêmico, a escrita de forma culta, as temerosas normas da ABNT, as regras que a revista solicitava pareciam um desafio inalcançável. Lembro-me também da minha primeira orientadora, pessoa célebre, doce e com uma paciência inestimável, pois, foram muitas idas e vindas na construção do artigo e quando ele foi aceito, veio uma sensação de dever cumprido e uma alegria enorme.

Acho que foi nesse momento que me deparei com a satisfação de escrever, de publicar, de compartilhar conhecimento, pois, aliadas às

...experiências práticas do projeto, vieram as participações em congressos, a apresentação de trabalhos. Tive muita sorte de ainda no ensino médio (na adolescência) me inserir no meio acadêmico, a sensação de fazer e apresentar um banner ou uma comunicação oral, todos esses desafios postulados, fizeram eu me sentir especial, importante, por ser capaz de gerar pauta para que as pessoas discutissem sobre determinado assunto.

Foi aí, nesse momento, que entendi o que eu queria fazer, a vontade de fazer mestrado e doutorado surgiu em mim muito antes de iniciar a graduação.

Reviver esses momentos me traz certa nostalgia de como tudo acontece na nossa vida tem um motivo, que às vezes não entendemos. A minha caminhada para concretização desse sonho não foi e nem está sendo fácil (como acredito que as de outras pessoas também não), ao longo desse processo na vida acadêmica e, conseqüentemente, na escrita acadêmica, pois para mim as duas estão sempre andando lado a lado, passei por alguns percalços, dentre eles o fato de engravidar na adolescência com 17 anos e o que para muitos poderia ser o fim de um sonho, para mim acabou sendo um incentivo a mais, eu queria provar pra mim mesma e para os outros que eu conseguiria.

Durante o processo ouvi uma frase que me impactou e que guardei comigo. A frase dizia assim: “a sua graduação agora vai ser em fralda e o seu mestrado em mamadeira”. Ouvir isso me incentivou muito mais e hoje, ao ter o diploma de mestre e estar cursando o doutorado, compreendo que, mesmo com todas as dificuldades, a minha graduação não foi em fralda e meu mestrado não foi em mamadeira. E em breve serei a primeira doutora da família Silva.

A
INDEPENDÊNCIA
DA ESCRITA

Thayná S. de Matos, 2022

Foi em uma manhã chuvosa, com aquele ar de preguiça em que rapidamente surge o pensamento se realmente é preciso levantar da cama para cumprir os afazeres. Lembro que é feriado, 07 de setembro, um feriado nacional de peso, um dia de recordações boas, alegres, a família toda reunida para assistir ao desfile e celebrar. Bom, nesse ano longe da família não teria muito o que comemorar, portanto levanto e vou preparar um café.

Enquanto estava no preparo enxergo a agenda em cima da mesa. Nela anoto todos os compromissos e tarefas do dia. Ao abrir na página do dia 07 havia apenas um item pendente, lembro de ter colocado este item, porém, com a correria, a rotina, certas coisas que parecem mais complicadas acabam sendo deixadas de lado, no famoso depois eu faço.

Esse seria o dia propício para concluir, sem muitas demandas, poderia fazer rápido e depois sair e aproveitar. Bom, era isso que pensava, até ligar a TV e me deparar com o desfile, logo a saudade de casa bateu, o apartamento vazio, algo que me levou a refletir sobre o significado de independência e o quão isso tinha até se tornado politizado, carregar a bandeira do país no dia da independência não tinha mais o mesmo sentido, pelo menos não para mim.

A palavra independência sempre foi algo que me deixava intrigada, acreditava que ser independente seria morar fora, longe dos pais, fazer meu próprio mercado, pagar as minhas contas, enfim... Em uma rápida pesquisa no google pode se encontrar que independência está relacionada aos conceitos de liberdade, autonomia, autodeterminação, podendo ser definida como uma dissociação de um ser em relação a outro, do qual se dependia ou era por ele dominado.

Não depender mais parece ser algo tão forte, tão poderoso e, em alguns momentos, assustador. Toda nossa vida passamos dependendo de alguém ou de algo como oxigênio, alimentos, cuidados, enfim... No fim das contas, mesmo que more sozinha, pague

A independência da escrita

...minhas contas, tenha a minha liberdade, ainda assim fico dependente de algo.

Então, resolvi começar a escrever. Com essas ideias poderia ser um bom começo, buscando uma analogia pois embora tenha a liberdade total para escrever o que desejar no momento que quiser, ainda assim fico dependente de achar um lugar confortável, um momento ideal, ser criativa, uma luz que às vezes não aparece.

Porém em alguns momentos parece ser apenas desculpas para ficar postergando as atividades, procrastinando para não concluir uma tarefa, deixando para depois e em alguns casos fazendo apenas em cima do prazo, especificamente essa atividade que num primeiro momento parecia ser tão simples: escrever sobre como é escrever para você.

Apenas 2 páginas, uma crônica sobre a escrita, tem algo mais liberal que isso? Porém, ainda me pego pensando que mal faria em dar uma olhada em exemplos de crônicas, os temas pelos quais poderia usar de inspiração. Olha só, a dependência aí, dando as caras em algo que deveria ser natural, confortável e leve.

Então, como seria essa independência da escrita, essa liberdade para escrever o que desejar no momento que quiser, se fico dependente de tantas outras coisas? Bom, nesse momento sentada na cama com o notebook e acompanhada de um bom café, estou determinada a concluir essa tarefa, esse ponto que ainda estava pendente e resgatar esse sentimento de escrever sem buscar referências, sem ficar presa a ideia de um autor, descrever apenas como estou me sentindo e por fim avaliar se no final terá algum sentido.

Alguns erros de escrita depois, a ideia de escrever simplesmente fluiu sem me preocupar com pontos, vírgulas, apenas relatando o que me veio à mente e percebi que pude expressar as ideias e também que isso me deixou mais leve, focada. Até nem percebi que cheguei ao fim

...o desfile, a chuva cessou, deixando apenas um céu cinza e um frio que adentra o quarto e com isso já avalio que está no horário de fazer algo para o almoço, e talvez depois escrever mais um pouco? Não sei, essa dúvida paira enquanto decido o que fazer.

A rotina, horários para tudo acabam consumindo os dias deixando limitada a experiência de escrever, de se expressar de outras formas, uma dependência do meio em que vivo talvez; mas paro e avalio como foi a tentativa de apenas deixar rolar em que mais do que escrever vivenciei o momento e pude me conectar comigo mesma e ser mais verdadeira sobre meus sentimentos e em como expressá-los, poderia escrever muito mais sobre, mas por ora, vou apenas encerrar e aproveitar o resto do feriado.

A OUTRA VOZ

Vanessa Mendes, 2022

Ainda atordoada, recobrando a consciência, acordei depois de um daqueles sonhos em que você sonha que já acordou, levantou da sua cama e resolveu pendências da vida. Mas, era sonho, e que sonho cansativo! Parecia tão real e agora preciso fazer tudo de novo.

Encaro meu próprio reflexo no espelho logo antes de sentir a água gelada tocar o rosto. Penso. Penso. Paraliso. O soco no estômago vem com a mão fechada da culpa do não feito, não escrito, apenas idealizado.

O café amargo é servido e requentado. Sem tempo pra passar café agora, irmão. Até a próxima reunião.

Passo o dia na distração forçada do trabalho. Entre um café requentado e, por sorte, outro café que acabou de ser passado. O expediente acaba e a sensação do soco me traz à superfície da consciência: ainda não escrevi. Por quê? Por que não consigo? Olho em volta no meu universo das abas abertas em artigos prontos, publicados, enquanto o meu nem sequer tem forma e consistência.

A mente me puxa praquele filme que vi semana passada, em que tudo acontecia no mesmo lugar ao mesmo tempo, a moça tinha sorte de ter sido bem sucedida em todos os outros universos em que ela existe, mas nesse, ela leva a vida lavando roupas. Talvez eu esteja lavando as roupas e deva ficar satisfeita, afinal. Ao invés disso, insatisfeita, imagino minha versão alfa que escreve como uma máquina e é aplaudida por suas ideias e a fluidez em que dança com as palavras. Ou aquela outra versão que, mesmo com dificuldades, tem disciplina e finaliza tudo no prazo. Também me imagino no universo Onde Nada Importa Tanto Assim, na varanda de casa assistindo o mar que me cumprimenta atrás das árvores, nenhuma palavra me assombra, nem as que já foram escritas. Ah, como é boa a brisa da tranquilidade. Boa porque é rara, valiosa porque, quanto mais a persigo, mais longe fica.

Entre sonhos acordados, sonhos dormindo e minhas idealizações, tenho pequenos momentos como este em que te escrevo, que revivo a

...sensação de escrever, da segunda voz que opera teclas ou canetas. A sensação de falar através de outro personagem, de tornar externo um devaneio ou uma ideia profunda, de registrar e abrir para interpretações. Hoje mesmo, enquanto abria a geladeira em busca de algo cremoso para complementar o pão no meio da tarde, pensei em uma palavra que jamais usaria em voz alta, mas, que na voz da escrita, se manifesta.

No entanto, sentada em meu sofá segurando mais uma xícara de café requentado, me pergunto por que calo a voz da escrita? Se quando a deixo falar, aprendo e descubro tudo novamente? Se, a alguma parte de mim, atribuo sentido e vitalidade?

Acredito que nos multiversos das idealizações que me encontro, quem me silencia são as ideias que são jogadas como dados na mesa, todos ao mesmo tempo; as possibilidades em aberto, a dificuldade de conectá-las; a vontade de abraçar grandes problemas com minhas pequenas mãos. Assim, ao me deparar com o microfone da escrita, a voz que escreve falha mais uma vez. Na rouquidão, me lamento pela falta de palavras necessárias, pelo caos do processo e a falta de resoluções. Nas cordas vocais da escrita, vivo várias vozes silenciadas, procurando um palco discreto para poderem cantar novamente com tinta ou com pixels, as ideias.

**A CRÔNICA
HOSPITALAR E A
ATIVIDADE DE
ESCRITA QUE FAZ
REPENSAR**

Vanessa Picolli 2022

A crônica hospitalar e a atividade de escrita que faz repensar

A música Catedral escrita e interpretada por Zélia Duncan me remete ao que é para mim o exercício da escrita. Um deserto onde ninguém me viu passar, longe de chegar, mas perto de algum lugar.

Sexta-feira, 26 de agosto, 16:40. Abri o Word e comecei a atividade, porque me veio à mente fazer assim. Quase ao mesmo tempo abri também a página que sempre uso para pesquisar sinônimos, as palavras que se apresentam na minha imaginação são sempre as mesmas e eu não consigo mais viver sem um dicionário de sinônimos. Salvei o arquivo com o nome de “crônica atividade de escrita” (tudo em letras minúsculas, porque gosto dessa estética de salvar a pasta principal com letras MAIÚSCULAS e as pastas internas com letras minúsculas. A pasta principal está salva na área de trabalho e tem o nome de DOUTORADO VANESSA (assim, bem humilde). Escolhi a fonte Calibri Light (é fina e leve aos meus olhos) coloquei em tamanho 12 e espaçamento 1,5 (não sou nem louca de não seguir a sugestão das catedráticas, sendo que ainda nem doutoranda sou). Neste processo lembrei que a estética deveria ser deixada para o final, mas eu gosto de ver tudo bonitinho e alinhado, não me desprendi ainda, acho que muitos anos de CorelDraw me deixaram assim. Mas devo falar sobre escrita. Então volto ao pensamento inicial e a música da Zélia... longe de chegar, mas perto de algum lugar.

É notório que a fim de se escrever sobre um assunto acadêmico, que para “tirar da cachola” um artigo científico é preciso ter muito conhecimento prévio sobre o que se pretende escrever. Eu sou licenciada em História e escrevo sobre Educação, mais especificamente sobre a Historiografia da Educação. Escolhi como foco dos meus estudos a educação feminina numa escola católica. Meu interesse é desvendar, tentar compreender como uma educação pensada para moldar um tipo específico de mulher, (domesticada? mansa?), foi capaz de fazê-la enxergar uma possibilidade de libertar-se, ao menos um pouco, do padrão de mãe, de professora, daquela que se doa e cuida, daquela que está praticamente domesticada. Faz parte de mim, enquanto mulher, querer compreender a estrada que percorremos até aqui, o que nos forma e que caminhos ainda teremos

...que desbravar, que espaços ainda precisamos conquistar. E me vem à mente novamente (rimou!) a Zélia... No silêncio, uma catedral. Um templo em mim. Onde eu possa ser imortal. Mas vai existir... vai resistir nosso lugar... Escrever sobre mulheres, sobre como fomos nos desfazendo invisíveis é um ato de resistir, de assentar nosso lugar. Historiar com o objetivo de que a nossa luta se immortalize.

Para escrever eu preciso estar no meu silêncio e deserto e deixar fluir tudo o que leio, escuto e experimento. O que me acontece me molda como pesquisadora que escreve, e por isso é quase impossível dissociar os contratempos da vida cotidiana com o exercício da escrita. E a Zélia segue cantando... Se eu disser que foi por amor. Não vou mentir pra mim. Se eu disser deixa pra depois...

Sexta-feira, 30 de setembro, início da tarde. Estou em uma reunião no Costa e Silva (hoje uma escola estadual, na década de 50 e 60 o Colégio das Freiras, meu objeto de investigação) com o professor Mateus (história). Estamos abrindo e olhando os arquivos do Colégio das Irmãs de São José. Penso em muitas coisas enquanto conversamos sobre a história da escola e as pesquisas e projetos que fazemos. Minha mente me bombardeia com datas, compromissos e entraves para escrever. Entre atas, fotografias e conversas meu celular vibra no bolso do casaco. Não deve ser nada urgente, depois eu olho. Reunião terminada, entro no carro e o celular chama novamente. Era o Willian, o funcionário do meu pai, filho da vizinha que mora na casa da frente da casa dos meus pais. Crescemos juntos, praticamente um irmão. O Willian trabalha com o meu pai desde que tinha 18 anos, hoje tem 30.

– Vane, vai lá no hospital que a tua mãe está lá com o teu pai. Gelei. Pronto! Deu um piripaque no veio! (pensei)

– O que aconteceu?

– Teu pai foi cortar a grama, se desequilibrou, caiu e cortou o pé com a navalha da máquina.

A crônica hospitalar e a atividade de escrita que faz repensar

Corri para o hospital!

– Oi, meu nome é Vanessa, meu pai deu entrada agora, com o pé cortado. Posso ver como ele está?

– Sim vou localizá-lo. Aguarde aqui.

Passados uns 40 minutos, elas aparecem na porta. Uma enfermeira e a minha mãe. Roupa suja de sangue. Cara pálida. O negócio deve ter sido feio. Ela foi e eu fiquei. Encontrei o pai. Chapadão de morfina, falando com a língua grossa e sotaque de “descendente italiano”:

– Non foi nada, non precisa se preocupá, já von me liberá.

Doce ilusão do AlceBrindes . Deu entrada na sala cirúrgica. Que agonia! Familiares me ligando, chamando no Whats e eu não tinha nenhuma informação. Espera. Espera. Passava das 17h. Infinitos pensamentos me inundam. A minha escrita sou eu. A minha escrita são os outros. Redigir, escrever, tecer são sinônimos de escrever e escrever, para mim, é externalizar as experiências vividas, o conhecimento acumulado. Tenho o privilégio de poder escolher escrever. Privilégio de, em muitos casos, poder escolher. E é sabido que nem todas as mulheres podem dizer ter tais privilégios, ainda hoje, infelizmente. Eu também escolhi questionar o papel de cuidadora que nos enfiaram goela abaixo. Mas olha só onde estou agora! Irônico? Talvez. Quem sabe se eu disser que foi por amor. Não vou mentir pra mim. Se eu disser deixa pra depois... Por amor eu fico esperando pelo meu pai, por amor, eu deixo pra depois meus compromissos com as escritas e leituras.

Enfim, mais ou menos duas horas depois ele foi liberado para o quarto. O Doutor:

- Olha seu Picolli, o senhor cuide bem do pezinho! Fazia tempo que eu não pegava um estrago tão complicado! Deu bastante trabalho! Deve ficar aqui em observação. Sete dias de antibiótico na

...veia, antes disso sem chance de ir pra casa! Não há previsão de alta por enquanto. E por causa da sua idade, deve ficar com acompanhante 24h por dia.

Como dizem os orientais, o que não tem remédio, remediado está. Aceitemos o que vem. Posso aproveitar o tempo para ler uns artigos... outra ilusão, né Zélia? Não vou mentir pra mim... deixa pra depois...

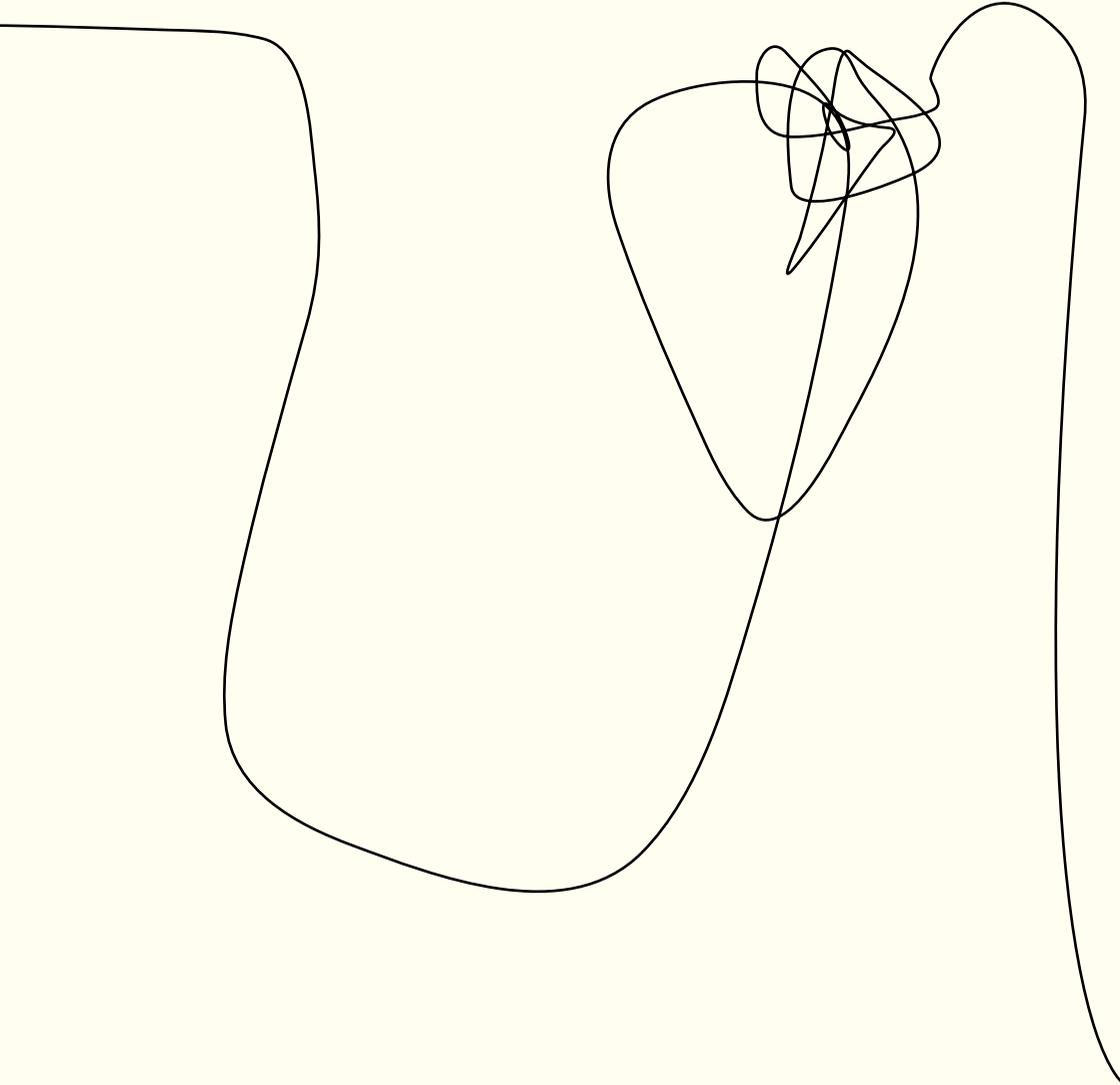
Foi um tédio. Foi engraçado. Foi bonito. Descobri que silêncio não é exatamente um ponto forte naquele hospital. Não tinha internet, nem TV e tinha muita conversa. O engraçado fica por conta dos pacientes que entravam e saíam dos outros três leitos do quarto. Teve a mulher good vibes que achava tudo lindo e maravilhoso e era tão alegre e otimista que chegava dar raiva na gente. Teve o rapaz bravo e de cara fechada que brigou na rua, tomou um soco e foi parar no hospital com a cara torta. Com a mandíbula quebrada teve prescrição de alimentação pastosa. Não gostou. Jogou tudo no lixo e queria fugir do hospital. Deu trabalho! De fato, reelaborei meu conceito sobre hospitais nesses dias. Além disso, refleti sobre meus questionamentos em pesquisa, sobre o ponto de partida das minhas indagações. E me lembro outra vez da canção: Olhei pra mim. Me vi assim. Tão perto de chegar. Onde você não está... O passado é uma interpretação. O passado não está, ele é! É uma interpretação, e é bom não esquecer disso.

Escrever sobre o passado, com os saberes do presente e dar-lhe uma interpretação pautada no hoje, que é válida agora e não mais amanhã, talvez. O que eu conheço, sinto e como me comporto são também traços da minha escrita. Sou a mulher que nasceu e vive num tempo de importantes direitos já concedidos, que foram conquistados, muitos até, por outras mulheres. Tenho algum lugar neste tempo presente e acho que tenho consciência do lugar que ocupo. Daqui olho para o passado, estudo, investigo, pergunto e escrevo. Ricoeur nos diz que os documentos e arquivos não pertencem mais a quem os produziu, mas estão sob os cuidados de quem tem competência para interrogá-los. E ser uma pesquisadora na área de História traz essa responsabilidade ao lidar e

A crônica hospitalar e a atividade de escrita que faz repensar

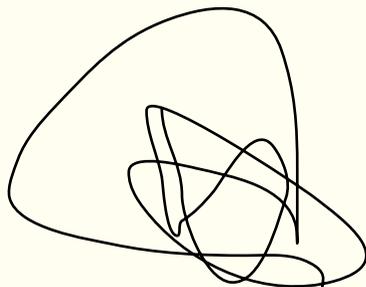
...interpretar aquilo que foi deixado. E quem sabe onde estou enquanto pesquisadora de histórias e comportamentos de mulheres? Será que é como na música? Tão perto de chegar. Onde você não está... Pois, às vezes estou ali e os documentos também, mas ainda falta alguma coisa.

E na iminência de terminar, não poderia deixar de dizer que, ao menos fisicamente, escrever é um ato solitário, é estar sozinha diante de uma tela ou folha em branco, respirar fundo e colocar ali o queremos ou podemos expressar. Solidão, quem pode evitar? Te encontro enfim... Meu coração é secular. A História também.



**QUEM
ESCREVEU
TUDO
ISSO?**

Conhecendo as pessoas autoras





Bárbara Colossi Felipe possui graduação em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2010), atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, Educação Profissional e Tecnológica, História Cultural, costumes e memória. Em 2012 concluiu o curso de especialização em História Social e em 2019 concluiu o curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Atualmente, trabalha como Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina e está fazendo doutorado em Educação Científica e Tecnológica na UFSC.



Cesar Dalmolin é atualmente doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC). Mestre em Ensino de Física pelo Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física (MNPEF - Campus Florianópolis/UFSC). Professor da rede pública de ensino, ministra a disciplina de Física para turmas de Ensino Médio. Em sua vida acadêmica, vem buscando compreender as implicações da tecnologia na sociedade e no ensino, bem como a busca por uma educação mais "desobediente". Gosta de dirigir e consertar seu Fusca 1971 e suas motos. De um lado, aprecia viver aspectos e elementos do passado, por outro, vislumbra o futuro por meio da Ficção Científica.



Elisângela Regina Selli Melz é doutoranda em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT - UFSC). Mestre em Educação UNOESC-Campus Joaçaba. Especialista em Matemática: Ensino Fundamental e Médio pelas Faculdades Integradas do Vale do Ribeira. Licenciada em Matemática UNOESC - Campus São Miguel do Oeste. Atualmente é professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul-SC. Tem experiência docente na área de Matemática do Ensino Médio, no Curso de Licenciatura em Matemática e em cursos de Formação Continuada de Professores, com ênfase em Educação Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem, educação, matemática básica.



Jefferson Jacques Andrade, doutorando do programa de pós-graduação em educação científica e tecnológica da (UFSC), mestre em educação científica e tecnológica, especialista em tecnologias no ensino de matemática, especialista em Matemática financeira aplicada a análise de negócios e graduado em matemática. Tenho experiência de mais de 23 anos, ministrando aulas da disciplinas de matemática. Atualmente, sou professor efetivo do Instituto Federal Catarinense (IFC) Campus Sombrio.



Joice Hinkel é professora da Rede Estadual de Santa Catarina, ministrando a disciplina de Química para estudantes do ensino médio. É licenciada em Química pela UFSC e atualmente está no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT) com enfoque nas discussões de Gênero e Sexualidade no Ensino de Química. Adora cozinhar e sonha em fazer um curso de culinária.



Leonardo Priamo Tonello é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT) da UFSC. É Licenciado em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Membro do grupo CASULO - Pesquisa e Educação em Ciências e Biologia. Tem pesquisado sobre o Ensino de Ciências e Biologia, com ênfase na Formação de Professores.



Letícia Medeiros Larroyd é Licenciada em Biologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e, no momento, está mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da mesma instituição. Trabalha com o Exame Nacional do Ensino Médio e tem interesse pela pesquisa na área de currículo. Gosta muito de nadar, toca ukulele nas horas vagas e tem duas calopsitas como pets (e tenta cuidar de algumas plantas, mas elas infelizmente insistem em morrer).



Lidiane Camini é uma educadora matemática, formada em Licenciatura em Matemática pela UFSC, com direito a mobilidade acadêmica na UFMG e, no período dessa publicação, se encontra mestrando em Educação Científica e Tecnológica pelo PPGECT-UFSC. A autora é gateira, cosplayer, mesatenista, apreciadora de rap nacional, feminista, bissexual e tem paixão por se aventurar em receitas vegetarianas. Tem experiência com docência em matemática no ensino médio técnico e superior, porém tem trabalhado mais com leituras, oficinas e extensões relacionadas a Gênero e Sexualidade no campo da Educação Matemática.



Luan de Pinho é licenciado em Química pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Durante a graduação participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID - UFSC). Atualmente mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC, e pesquisa a Formação de Professores e o Ensino e Aprendizagem das Ciências. Possui experiência na área de ensino, com ênfase em Química.



Manuel Bandeira dos Santos Neto é professor substituto na UFPE, atuando no Núcleo de Formação Docente do Centro Acadêmico do Agreste (CAA). Doutorando em Ensino das Ciências na UFRPE. Bolsista do CNPq. Mestre em Ensino de Ciência e Matemática pelo IFCE - Campus Fortaleza. Possui pós-graduação Lato Sensu em Docência no Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes. Graduado em Licenciatura em Química - IFCE - Campus Quixadá. Atuou como professor temporário do Governo do Estado do Ceará. Tem experiência na área de Ciências Exatas e da Terra e Ciências Humanas. Pesquisa na área de Ensino de Química com foco na Formação de Professores, Docência no Ensino Superior, Prática de Ensino, Estágio Supervisionado, Residência Pedagógica, Formação de Professores Reflexivos e Artista-reflexivo.



Marcelo da Silva, Licenciado em Geografia (UFSC) e Pedagogia (UNINOVE), Mestre em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Socioambiental (UDESC) e Doutorando em Educação Científica e Tecnológica (UFSC). Atualmente é professor do Instituto Federal Catarinense campus Camboriú.



Raquel Rohden é licenciada em Ciências Biológicas pela UFSC, mestranda em Educação Científica e Tecnológica (PPGETC/UFSC) e militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).



Rhaysa Terezinha Gonzaga é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, no momento de publicação deste e-book. Licenciada em Química pela UFSC. Mulher negra, candomblecista, professora de Química, pesquisadora das Relações Raciais no Brasil e grande apreciadora das Forças e Ciências da Natureza. Ativista social que atua na Associação de Educadoras Negras de Santa Catarina e uma apaixonada por escrita.



Thayná Schleider de Matos é formada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). possui experiência na atuação do ensino de programação e de matemática para o ensino fundamental II e médio. Possui também conhecimento na produção de jogos pedagógicos multidisciplinares e robótica. Interessa-se pela área de educação e tecnologia.



Thaís Soares da Silva, doutoranda em Ensino das Ciências na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui pós-graduação Lato Sensu em Práticas de Ensino em Biologia pela Universidade Cândido Mendes. Sou Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (CAV). Pesquiso na área de Ensino de Ciências/Biologia com foco na formação continuada de professores, práticas de ensino e experimentação. E sou uma pernambucana, apaixonada pelo processo de aprender cada vez mais. Tenho 28 anos e sou mãe, sou professora, sou amiga, sou leitora.



Vanessa Vieira Mendes é formada em Design pela UFSC e hoje trabalha na área voltada para produtos digitais. Entre gatos, memes e dança, também tem grande interesse pela área da educação e tecnologia, pesquisa acadêmica e brasilidades.



Vanessa Picolli é licenciada em História pela UNOCHAPECÓ. No período da graduação desenvolveu pesquisas nas áreas de Ensino de História Local e Regional no Oeste de Santa Catarina. Em seu Projeto de Iniciação Científica deu início às suas pesquisas sobre Educação Religiosa Feminina. cursou Mestrado em Educação pela UDESC, na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, tendo como seu foco de estudos a Educação Católica Feminina oferecida pelas Religiosas de São José de Chambéry. Atuou como professora de História em Colégios da Rede La Salle e Rede de Ensino Público de Santa Catarina. Atualmente é Aluna Especial do Doutorado em Educação Científica e Tecnológica da UFSC, na disciplina Escrita Acadêmica e Pesquisa em Educação Científica e Tecnológica.

ORGANIZADORAS



Adriana Mohr, Licenciada em Ciências Biológicas (UFRJ), mestre em Educação pelo IESAE/FGV e doutora em Educação: ensino de ciências naturais (UFSC). É professora titular da UFSC no Departamento de Metodologia de Ensino e no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Tem experiência na área de Educação, trabalhando principalmente nos temas de ensino de ciências, educação em saúde, alfabetização científica, livro didático, formação de professores e classe hospitalar. Lidera o grupo CASULO - Pesquisa e Educação em Ciências e Biologia, da UFSC.



Carmen Roselaine de Oliveira Farias é doutora em Educação (UFSCar), mestre em Educação para a Ciência (UNESP/Bauru), bacharela em Direito (FURG). Professora da Área de Ensino das Ciências do Departamento de Biologia; Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC); Rede Nordeste de Ensino (Doutorado RENOEN) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Além do ensino, pesquisa e extensão na área de ensino de ciências, currículo e educação ambiental, recentemente abraçou novos focos de interesse, entre os quais estão letramento acadêmico, escrita, leitura e relações entre educação, ciência e arte. Lidera o Grupo de Pesquisa em Educação e Sustentabilidade (GEPES/UFRPE).

